

## DO ESTADO NOVO AO 25 DE ABRIL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1995

## UM IDEÓLOGO NO ESTADO-NOVO: JOÃO AMEAL, HISTORIADOR

No Estado Novo há figuras que é importante ter em conta. Elas foram geradas, ou aproveitadas, pelo regime e aparecem-nos como mensageiras, como defensoras de uma realidade instituída; são as imagens de proa do regime, os seus apoios, em termos sociológicos e ideológicos. É este o caso de um homem que ocupou um lugar muito próprio, no campo das letras e da cultura portuguesa. Trata-se de João Francisco de Sande Barbosa de Azevedo e Bourbon Aires de Campos, Segundo Visconde de Ameal, conhecido pelo nome literário de João Ameal(O). Nascido em Coimbra, em 1902 e descendendo de uma família conceituada dessa cidade viu a sua vida terminar em 1982. João Ameal começou desde cedo a escrever<sup>(2)</sup>, sendo as suas obras muitas e variadas. Os temas são diversos e vão do romance e conto à História e à crítica literária, passando pela hagiografia e doutrinação. Interessar-nos-á conhecer

\* Mestre em História Contemporânea de Portugal, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(1) As considerações tecidas neste artigo são baseadas na dissertação de mestrado apresentada à F.L.U.C. e intitulada *João Ameal, o historiador do Regime*.

(2) *O que os meus olhos viram* (crónicas), 1919 e *Em voz alta e em voz baixa* (diálogos), 1920, parecem ser as primeiras obras do autor. Toda a década de 20 assiste à afirmação de João Ameal através de títulos representativos como por exemplo: *As directrizes da nova geração*, 1925; *A Contra-Revolução*, 1928; "Legitimismo, Tradicionalismo, Constitucionalismo" (Prefácio à segunda edição do livro de D. Miguel Sotto-Mayor, *A realeza de D. Miguel*), 1929.

um pouco das ideias que este homem defendeu para que, através delas, consigamos compreender um pouco da sua história e da sua forma de fazer a História. O nosso objectivo será, portanto, conhecer um pouco do ideólogo que, como afirmou Mário Soares, conseguiu ser um "historiador oficial do regime deposto em 25 de Abril"<sup>(3)</sup> de 1974.

Alguns dados bio-bibliográficos de João Ameal terão que ser mencionados já que poderão fornecer o pano de fundo para a compreensão da sua figura e do seu posicionamento no espaço e no tempo.

### 1. Notas bio-bibliográficas e profissionais

João Ameal, nas suas próprias palavras, filia-se numa "geração que não teve dificuldade em escolher o seu rumo, teve, porém, dificuldade em o seguir visto serem grandes os obstáculos que se acumulavam diante dos passos"<sup>(4)</sup>.

Nascido em Coimbra em 1902 e aí residente nos primeiros anos de vida, era filho legítimo dos primeiros viscondes e segundos condes do Ameal<sup>(5)</sup>. A sua idade adulta, o período de maior produção de obras e de maior impacto na vida pública, foi passado em Lisboa onde, na década de 20, se licenciou em Direito e onde exerceu vários cargos.

Cedo começou a escrever, publicando obras, participando regularmente em jornais<sup>(6)</sup> e revistas, defendendo valores contra-revolucionários, católicos e monárquicos.

Adepto do movimento integralista e dos seus ideais, vai o autor ligar-se ao grupo que, a partir de 1919, se mantém fiel a D.

<sup>(3)</sup> Mário Soares, in Raúl Rego, *História da República*, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. I, Prefácio, 1986, p. 6.

<sup>(4)</sup> João Ameal, *Rumo da Juventude*, Lisboa, Editorial Acção, 1942, p. 5.

<sup>(5)</sup> O pai de Ameal era João de Sande de Magalhães Mexia Salema Ayres de Campos, natural de Coimbra, e a mãe do autor era D. Maria Benedicta de Barbosa Souto Maior d'Asevedo Meneses Bourbon, natural da vila e concelho de Estarreja.

<sup>(6)</sup> Poderá afirmar-se, a título de exemplo, que Ameal assinou, logo nos primeiros tempos da sua vida pública, o editorial do *Jornal de Notícias*, do Porto, onde vai expor um bom número de ideias que surgirão compiladas, pela junção de vários artigos, na sua obra *A Contra-Revolução*, Coimbra, 1928.

Manuel II, perante a desvinculação da Junta Central do Integralismo Lusitano em relação a esse monarca. Apoiará Ameal a Acção Tradicionalista Portuguesa, liderada, a partir de 1921, por Alfredo Pimenta e Caetano Beirão tendo, mais tarde, sido uma das figuras ligadas à Acção Realista Portuguesa e aos seus *órgãos* na imprensa<sup>(7)</sup>. Entre 1932 e 1934, continuando a vogar nas mesmas águas e tendo sido já ultrapassada a dissonância dinástica, damo-nos conta da sua participação regular na revista dirigida por Luís de Almeida Braga e Hipólito Raposo, *Integralismo Lusitano. Estudos Portugueses*. Aí desenvolve alguns dos seus pontos de doutrina como é o caso do tomismo<sup>(8)</sup>, do nacionalismo integral<sup>(9)</sup>, da aversão à democracia<sup>(10)</sup> ou do velho problema, que continuou a interessar os monárquicos, da "ilegitimidade de D. Pedro"<sup>(n)</sup>.

A monarquia e a sua defesa ocuparam, desde o início e como se deduz do anteriormente exposto, a atenção de Ameal. As suas obras, artigos e intervenções públicas são o testemunho dessa realidade<sup>(12)</sup>. O facto de ser monárquico não impediu, no entanto, que desse o seu apoio à Ditadura e ao Estado Novo, como aconteceu com grande parte dos monárquicos<sup>(13)</sup>.

Tal como muitas outras figuras com ideias tradicionalistas, nacionalistas e contra-revolucionárias, também Ameal mostrou simpatia pelo Movimento Nacional-Sindicalista chefiado por Rolão Preto, um integralista do primeiro momento. Quando, porém, a

C7) Dados dispersos levam a estas conclusões que Manuel Braga da Cruz resume na sua obra *Monárquicos e republicanos no Estado Novo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986, p. 22.

(8) Vide *Integralismo Lusitano. Estudos Portugueses*, Dir. Luís de Almeida Braga e Hipólito Raposo, Lisboa, Junho 1932, Agosto 1932.

(9) Vide *Integralismo Lusitano...*, Julho 1932.

(10) Vide *Integralismo Lusitano...*, Dezembro 1932.

(n) Título de um artigo de Ameal na revista *Integralismo Lusitano...*, Dezembro 1933.

(12) Apenas como exemplo, poderemos referir a sua defesa do chefe monárquico e do carácter vivo da monarquia em Portugal, no artigo "O chefe da Nação", in *Acção Realista*, Dir. Ernesto Gonçalves, Lisboa, 15 Jan. 1926.

(13) A própria Causa Monárquica, como organização, nunca se pôs seriamente contra o desenrolar desses momentos republicanos de Portugal: a colaboração, a tolerância e o apoio mútuo constituíram a nota dominante de toda essa época, apesar de ter havido momentos de grande tensão. Vide Manuel Braga da Cruz, *ibidem*, pp. 183-213.

oportunidade do movimento é posta em causa, João Ameal não vai continuar a apoiar esses nacionalistas que pareciam querer ir contra a ordem estabelecida e, como tantos outros, aceita a tutela de Salazar.

Convirá destacar, entre todas as tarefas públicas desempenhadas por Ameal, a de deputado da Assembleia Nacional, entre Novembro de 1942 e Abril de 1957, num período fundamental para a "construção" e "diversificação do regime"<sup>(14)</sup> saído de 28 de Maio de 1926. A sua presença nessa mesma assembleia fez-se notar, com um estilo que lhe era peculiar, em várias sessões e sobre diversos assuntos.

Na maior parte das suas intervenções nota-se uma aceitação nítida da figura e actuação de Salazar bem como do(s) chefe(s) de Estado e do Regime a que dão a sua orientação. Engrandece-se o movimento iniciado em 1926, mas mais se engrandecem as figuras que lhe deram corpo. Será Salazar<sup>(15)</sup> que, segundo Ameal, dará a todo o momento histórico "a sólida arquitectura, a harmonia de proporções, a viabilidade decisiva que lhe permitiu obter o triunfo, projectar-se nos factos, presidir a uma obra extraordinária, encher o País de novo prestígio além fronteiras"<sup>(16)</sup>. Como explica Ameal noutra ocasião, utilizando um argumento histórico de ligação entre o Passado e o Presente, "Salazar foi assim o intérprete e o executor de um mandato que vinha de trás, das raízes da própria nacionalidade [...]"<sup>(17)</sup>.

<sup>(14)</sup> Expressões de Braga da Cruz para caracterizar as fases históricas daquilo que apelidou na sua obra *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 11, como "Salazarismo ou seja, regime que, saído do movimento militar de 28 de Maio de 1926, vigorou em Portugal até 25 de Abril de 1974."

<sup>(15)</sup> Objecto de elogios rasgados, particularmente em momentos especiais. Isso se verifica, por exemplo, em Maio de 1945 quando Ameal dá o seu apoio a uma projectada manifestação de agrado aos Presidentes da República e do Conselho, ou quando, em Abril de 1950, se festeja o 22º aniversário da entrada de Salazar para o Governo. Vide "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional - 4 Maio 1945", *Diário das Sessões, III Legislatura*, pp. 455-456 ou "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional - 28 Abril 1950", *Diário das Sessões, V Legislatura*, pp. 952-954.

<sup>(16)</sup> "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional - 4 Maio 1945", *Diário das Sessões, III Legislatura*, p. 455.

<sup>(17)</sup> "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional - 4 Maio 1945", *Diário das Sessões, III Legislatura*, p. 455.

João Ameal, nas mais simples questões, apoia o governo, os dirigentes, o sistema político-económico e social em que está inserido. Quando há situações consideradas desajustadas ou injustas o governo é alertado, não criticado!<sup>(18)</sup> O seu aval a certas linhas directivas da política portuguesa da época, bem como aos organismos que podemos considerar "de Regime", é nítido nos seus discursos.

Um exemplo: Ameal mostrou-se concordante com a política de neutralidade que Portugal assumiu perante a Segunda Guerra Mundial e considerava, por esse facto, Portugal como um dos "factores de autêntica civilização"<sup>(19)</sup>: Portugal poderia ser, assim, o modelo, o agente inspirador de uma possível reconstrução mundial.

Outro exemplo, ainda: Ameal, como o Regime em que se enquadrava, apoia o desenvolvimento de organizações civis "militarizadas e orientadas pelo governo", como é o caso da Legião Portuguesa<sup>(20)</sup> ou de organismos que apoiam o desenvolvimento da "verdadeira alma portuguesa" como são, na sua opinião, as Casas do Povo ou a sua Junta Central<sup>(^)</sup>, essas peças importantes

<sup>(18)</sup> Um exemplo desse facto surge quando chama a atenção para uma situação de injustiça social que atingia os pensionistas do Montepio dos Servidores do Estado. A sua posição é clara e expressa-se nas palavras que se seguem. "Não acuso, de modo algum, os nossos governantes, a cuja obra de restauração nacional, em todos os domínios sempre tenho prestado, aqui e onde quer que seja, a calorosa homenagem que merece, e em cujo critério de equidade uma vez mais declaro ter a mais sincera confiança. Não acuso. Limitó-me a pôr em relevo este problema urgente e dramático, certo de que a solução será rapidamente encontrada e, uma vez encontrada, posta em execução". "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional - 1 Abril 1944", *Diário das Sessões, III Legislatura*, p. 357.

<sup>(19)</sup> Vide "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional - 4 Maio 1945", *Diário das Sessões, III Legislatura*, p. 456 e "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional - 5 Julho 1945", *Diário das Sessões, III Legislatura*, p. 737.

<sup>(20)</sup> Veja-se, a este propósito, a seguinte passagem: "Parece-me justo prestar aqui homenagem à Legião Portuguesa, pela maneira como tem sabido cumprir o mandato recebido do Governo e manifestar-lhe a confiança que nos inspira a sua actuação futura para dar à defesa civil do território toda a projecção e toda a sua eficiência". ("Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional -14 Dez. 1943", *Diário das Sessões, III Legislatura*, p. 34).

<sup>(21)</sup> Vide "Discurso de João Ameal na Assembleia Nacional -1 Maio 1948", *Diário das Sessões, IV Legislatura*, p. 678.

daquilo que Manuel Braga da Cruz chamou "regime social-corporativo" (22) do Estado Novo.

A fidelidade ao Regime e ao seu condutor, bem demonstrada nos seus discursos enquanto deputado da Assembleia Nacional, vai ser uma constante na vida e na obra de João Ameal. Em contrapartida, também o Estado Novo o ajudou a ganhar prestígio pela publicação de obras (23), atribuição de prémios (24) aos seus escritos e disponibilização de cargos que o tornaram uma figura pública. Com efeito, Ameal esteve, ao longo da sua vida, ligado ou inserido em vários organismos, oficiais ou não, que tiveram, por razões várias, papel de destaque na época. Foi membro da Junta Central da Legião Portuguesa, Procurador à Câmara Corporativa, professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, na década de 60, Director Interino do *Diário da Manhã*, colaborador da Emissora Nacional e da R.T.P. (25), cronista oficial do Regime porque director dos *Anais da Revolução Nacional*, membro de academias científicas (26) e, para além de tudo isto, deputado à Assembleia Nacional em várias legislaturas.

1982 foi o ano em que Ameal faleceu, em Lisboa. O contexto político e ideológico era já completamente diferente daquele em que o autor conseguiu um lugar de destaque e, talvez por isso, nenhum relevo público especial tivesse sido dado ao facto.

(22) Manuel Braga da Cruz, *ibidem*, p. 41.

(23) A obra de Ameal, *João de Brito. Herói da Fé e do Império*, Lisboa, Ed. S.P.N., 1941, é apenas exemplo de que os órgãos do Regime, neste caso o Secretariado de Propaganda Nacional apoia e é apoiado pelo autor.

(24) À sua obra *No limiar da Idade-Nova*, 1934, foi atribuído "o prémio 'Ramalho Ortigão' no concurso de prémios literários (ensaios do Secretariado da Propaganda Nacional)." — informação retirada do artigo "Ameal, Segundo Visconde de", da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Também a sua *História de Portugal*, publicada em 1940 é destacada com um prémio, o que leva o nome de "Alexandre Herculano".

(25) Parte das informações sobre estas actividades foram colhidas em fontes indirectas, embora consideradas fidedignas. (*Boletim da Academia Portuguesa de História*, Ano de 1970, Lisboa, 1971, p. 138; Arlindo Manuel Caldeira, "O documento na aula de História. A propósito de duas interpretações da Revolução Francesa", *O Estudo da História*, n.º 10-11 (D série), 1989-90 — "A Revolução Francesa e os Direitos Humanos", Lisboa, Associação de Professores de História, 1989-90, p. 36).

(26) É o caso da Academia Portuguesa de História, desde 1938 e da Academia de Ciências de Lisboa, desde 1964.

A obra escrita que Ameal nos legou é vasta e diversificada. Para os seus primeiros livros — *O que os meus olhos viram* (*Crónicas*), 1919, e *Em voz alta e em voz baixa* (*Diálogos*), 1920, bem como outras vulgarmente consideradas como "Crónicas", "Diálogos" ou "Novelas" — Coimbra foi a cidade editora. Os temas abordados, ainda de forma leve e romanceda, são já os que depois iríamos encontrar desenvolvidos e explorados na fase da maturidade<sup>(27)</sup>. A produção literária de Ameal não se confinou, porém, a Coimbra<sup>(28)</sup> nem aos géneros literários acima mencionados.

Logo na década de 20 o autor impõe-se como ideólogo em títulos decisivos para o conjunto da sua obra. São exemplo disso, *As directrizes da nova geração*, 1925, ou *A Contra-Revolução*, 1928. Os anos 30 confirmam e desenvolvem a sua veia doutrinária em títulos como *Panorama do Nacionalismo Português*, 1932, *Revolução da Ordem*, 1932, *No limiar da Idade-Nova*, 1934, *Construção do Novo Estado*, 1938, ou *São Tomás de Aquino, Mestre da Idade-Nova*, 1938. A onda comemoracionista de 1940 incentiva e propicia o aparecimento de obras históricas. Assim, surgem nessa época as *Erratas à História de Portugal — de D. João V a D. Miguel* (de colaboração com Rodrigues Cavalheiro), 1939; *D. Miguel e a Vilafrancada (Comunicação ao VI Congresso do Mundo Português)*, 1940; a primeira edição da sua *História de Portugal*, 1940, que será sujeita a diversas reedições, pelo menos até 1974, e que, em 1946, será a inspiradora do *Breve resumo da História de Portugal*; *João de Brito, Herói da Fé e do Império*, 1941; *Dona Leonor, 'Princesa Perfeitíssima'*, 1943, entre outras. Nas décadas que se seguem os temas repetem-se e esclarecem-se; surgem obras que, não sendo a cópia das anteriores, são, na grande maioria, a sua reescrita actualizada, revista e adaptada. Excepção será a obra

C7) Aí encontramos a glorificação do homem português que deu o seu contributo na Primeira Guerra Mundial e de Portugal que, conhecedor da sua História, o irá acolher de braços abertos (João Ameal, *O que os meus olhos viram* (crónicas), Coimbra, 1919, pp. 1-6 e 89-95); do Fado que "foi sempre uma expressão da alma popular portuguesa, rude e singela, expansiva e emocional" (*Idem, ibidem*, p. 221); aí surgirá o ataque à Revolução Russa que está encamada no espírito de Gorki (*Idem, ibidem*, pp. 75-79); aí se verificará, na forma de um diálogo, a defesa da Raça e Nação Portuguesa (João Ameal, *Em voz alta e em voz baixa...Diálogos*, Coimbra, 1920, pp. 1-6).

Ç<sup>28</sup>) Deve, desde já, realçar-se o papel que a Livraria Tavares Martins, do Porto, teve na publicação de grande número de obras do autor.

*História da Europa*, cujo primeiro volume surge em 1961 e que arrasta com ela o aparecimento de outros títulos ligados à temática europeia (*Ideia da Europa. Curso professado nos anos lectivos de 1965-66 e 1966-67*, 1968, ou, *O Ocidente e Portugal*, 1969). As décadas de 70 e 80 limitaram-se, compreensivelmente, a reeditar algumas das obras de Ameal.

Ao longo de todos estes escritos, aparece-nos o registo pessoal e peculiar de tudo aquilo que na vida pública o autor deixou transparecer. Aqui o vemos glorificar ou destruir uma figura, uma situação, uma realidade. Ali o encontramos como paladino de uma "Idade Nova" e o opositor acérrimo de um séc. XIX que considera "corrupto" e "degradado". Acolá nos aparece o historiador, o teórico da História, o criador de uma História que o regime salazarista apoiou e assumiu como sua.

Tentemos encontrar na obra de João Ameal os seus princípios, as suas *verdades*, a sua forma de ver e fazer a História.

## 2. O ideólogo de uma "Nova Idade"

"O Mundo não pertence aos tolerantes e aos ecléticos mas aos apóstolos e aos convictos"<sup>(29)</sup>.

João Ameal foi, antes de mais um "apóstolo", um "convicto", nunca um "imparcial". Surge-nos como autor decidido que, na maioria das obras, impõe um pensamento límpido, linear, transparente mesmo. Optou por um conjunto de ideias que enunciou e desenvolveu ao longo da sua vida e da sua obra. A sua "doutrinação", versando vários assuntos, caminha para a construção de uma "nova época", para uma "Idade-Nova". Uma "Idade Nova da reconstrução do homem — desfibrado, violentado, desfigurado por uma longa era de utopias e malefícios. Idade-Nova em que a liberdade pela técnica (ilusão rasteira) sucederá a liberdade pela ascese. Idade-Nova em que os fratricídios provocados pelo ódio, pela ambição material, pelo orgulho desmedido, pelo prosseguimento de simples finalidades terrenas dará lugar à fraterna ética social do amor cristão. Idade-Nova da ordem libertadora, que marcará o ocaso desse imenso isolamento das

(29) João Ameal, *Rumo da juventude*, p. 49.

almas', denunciado por Hillaire Belloc na base do mal-estar moderno"<sup>(30)</sup>.

Essa Idade-Nova não surgirá do nada. Ela terá a ver com os erros e os êxitos que a precederam e que a ajudaram a estabelecer. Essa Idade-Nova pretende recuperar, retomar, como fim último, o homem total. Ela será antes de mais e acima de tudo, uma época de regresso.

Mas regresso porquê? Regresso a quê?

## 2.1. Os pecados e o Inferno

Considerou Ameal, na esteira dos grandes mestres católicos e contra-revolucionários, que o apogeu da vida e da civilização humana teve lugar na Europa Medieval, onde, "para além das divisões e conflitos, os povos do Ocidente reconheciam um só Senhor e seguiam uma só Lei"<sup>(31)</sup> — a Lei de Cristo. A Idade Média caracteriza-se, assim, para Ameal, por um todo harmónico que ampara o homem e o faz crescer como Pessoa<sup>(32)</sup>. As dependências de natureza feudal, assentes num contrato pessoal, não oprimem, antes protegem as partes envolvidas<sup>(33)</sup>. O teocentrismo dava

<sup>(30)</sup> João Ameal, *No Limiar da Idade Nova (Ensaio Contemporâneo)*, Coimbra, **1934**, pp. xn-xni.

<sup>(31)</sup> João Ameal, *A verdade é só uma*, Porto, Liv. Tavares Martins, 1960, p. 56.

<sup>(32)</sup> A realidade abrangida pelo termo *Pessoa* é valorizada por Ameal e corresponde à imagem católica do homem: ser ao mesmo tempo espiritual e material, livre e dependente, anjo e demónio.

<sup>(33)</sup> Uma pequena confirmação do referido poderá encontrar-se no extracto que se segue, como em muitos outros do mesmo género. "O feudalismo, de facto, além do seu substrato religioso e guerreiro (que lhe dava um inegável carácter espiritual) tinha, como justificação imediata, a protecção dispensada pelos cavaleiros, dentro dos castelos guarnecidos pelos seus homens de armas, às populações indefesas e pacíficas. Poderemos dizer, sem receio de paradoxo, que o feudalismo — embora apertando o homem nas estreitas malhas de mil dependências e de mil obrigações — tinha, no fundo, um claro desígnio libertador, porque tudo era consentido pelo vassalo para que o guardassem, ou defendessem e lhe permitissem, quando e como quisesse, amar, pensar, viver a seu modo. Havia função de alta responsabilidade e de perigo a desempenhar nessas horas de perigo e de invasão. Os chefes se encarregavam dela — e por isso tinham, como é óbvio, o direito de exigir impostos, privilégios, homenagens. Mas, fora disso, a maior autonomia era deixada, na sua vida

sentido à existência humana. A filosofia crista conseguiu chegar ao âmago da verdade procurada<sup>(34)</sup>. A Filosofia Tomista é considerada o expoente máximo da Filosofia Medieval e S. Tomás é visto como o maior pensador de todos os tempos<sup>(35)</sup>, o "grande mensageiro da verdade"<sup>(36)</sup>. "Na síntese tomista atingiu-se mesmo [...] a maior altura do esforço humano para a verdade integral"<sup>(37)</sup>.

A partir daí, num movimento de decadência progressiva, segundo Ameal, "a Europa rolou de abismo em abismo"<sup>(38)</sup>. O encanto quebrara-se quando o homem se revoltou contra Deus, quando se esqueceu de que era uma Pessoa, quando quis ser e estar no centro do Mundo, quando a Escolástica, depois da morte de S. Tomás, entrou em degradação e, em seu lugar, apareceram filosofias empiristas (ex: Roger Bacon) ou criticistas como a de Duns Escoto. O afastamento de Deus implicou o afastamento da Harmonia, da Verdade, da Unidade<sup>(39)</sup>. A fragmentação começou, não apenas a nível religioso, também a nível político e ideológico<sup>(40)</sup>. Cada Estado, cada país, cada homem luta sozinho. O antropocentrismo implica a valorização da ordem temporal: diviniza-se o Estado, não enquanto meio mas enquanto fim. Caminha-se para o governo forte, autoritário, havendo o distanciamento do poder paternalista da \*5.

íntima ao homem medieval — e nunca se tentaria como hoje, arrancar-lhe a sua alma ou, pior, fabrica-la segundo um modelo standardizado..." (João Ameal, *No limiar da Idade Nova...*, pp. 123-124).

(<sup>M</sup>) "A Idade Média é o grande período, o período culminante da filosofia humana. Não se tratavam então os problemas 'a propósito da ciência', mas a propósito do divino. Ligada ao céu e às suas claridades, a inteligência procurava subir até ao mistério, e não reduzir-se a uma vã pesquisa de vulgaridades. [...] S. Tomás de Aquino foi o mais alto representante desse momento único da história mental do universo. Foi o angélico Doutor da unidade espiritual, aliando a fé e a razão na mesma empresa de conhecimento e resgate". (João Ameal, *Panorama do Nacionalismo Português*, Lisboa, 1932, p. 36).

(<sup>ae</sup>) João Ameal, *S. Tomás de Aquino. Iniciação ao estudo da sua figura e da sua obra*, Porto, 1938, p. XIV.

(<sup>if</sup>) João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, Porto, 1945, p. 340.

(<sup>37</sup>) *Idem, ibidem*, p. 345.

(<sup>i28</sup>) João Ameal, *A verdade é só uma*, p. 56.

(<sup>ii</sup>) *Vide* João Ameal, *Panorama do nacionalismo Português*, pp. 39-40.

(<sup>140</sup>) Curiosa a alusão de João Ameal a Chesterton que ao Renascimento preferiu chamar "recaída" nos moldes do paganismo helénico e romano". *Vide* João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, p. 347.

Idade Média. As realidades deixam de ser superiores para ser contingentes, fracas, inseguras tal como o homem que as cria e que nelas se quer reflectir. Há discórdia, quando antes tinha havido harmonia.

O homem afunda-se no *pecado individualista*, que "desagregou os organismos nacionais, anarquizou o governo dos Estados, destruiu todas as bases e todas as disciplinas do Espírito humano"<sup>(41)</sup>.

"Às calamidades da Reforma Religiosa (o *pecado alemão*), vinham ainda somar-se aqueles que se podiam chamar, com Maritain, os outros dois grandes pecados da Europa: o alvoroço excessivamente pagão do Renascimento — o *pecado italiano*; e a reforma filosófica de Descartes — o *pecado francês*. E assim se foi, a pouco e pouco, em ataques sucessivos contra a ordem antiga, no domínio do pensamento e nos domínios do Estado, abrindo caminho para a catastrófica aventura da Revolução Francesa. [...] A Revolução Francesa [...] foi a resultante funesta e alucinada da destruição, em três séculos, da unidade medieval, da harmonia dum universo sujeito a regras superiores e a directrizes disciplinadoras"<sup>(42)</sup>.

Curiosíssima a filiação que Ameal faz da *funesta e atroz Revolução Francesa*, na degradação do espírito medieval. Revolução Francesa que, sendo ponto de chegada, é também ponto de partida para um conjunto de realidades.

A dimensão da revolta de 1789, a defesa de valores como a liberdade, igualdade e fraternidade vão alastrar-se. Será uma "infecção [que] se prolongou e alastrou através do império napoleónico e, depois, através dos erros liberais e das calamidades democráticas do séc. XIX"<sup>(43)</sup>. Será, a médio ou a longo prazo, a responsável por realidades como o Liberalismo, a Democracia, o Capitalismo, o Comunismo<sup>^</sup>, o Barbarismo. Os séculos XIX e XX (século XX considerado pelo autor como iniciado \* 1

(41) João Ameal, *Panorama do nacionalismo Português*, p. 6.

[43] *Idem, ibidem*, p. 6-7.

[43] João Ameal, *A Contra Revolução*, p. VIII.

(u) " De facto, o que é o delírio vermelho da Rússia actual, senão o último eco duma humanidade que perdeu os seus freios, e busca, entre crimes e cataclismos sociais, uma absurda emancipação ideológica?" (João Ameal, *Panorama do nacionalismo Português*, p. 7).

em 1914) não passam de sucedâneos dessa Revolução Francesa e, mais propriamente, da crise que desde o Renascimento abalou toda a Civilização Ocidental.

As duas grandes guerras mundiais a que a Europa assistiu e pelas quais sofreu pesados danos teriam sido, para Ameal, a consumação da degradação que já vinha do Renascimento e que se desmultiplicou com a Revolução Francesa! Em 1945 afirma, depois de referir de forma explícita todo o processo de decadência a partir do final da Idade Média<sup>(45)</sup>, que, "ampliada ao panorama internacional, esta crise espiritual, social, económica e política só podia dar a guerra. A guerra sem tréguas e sem escrúpulos — cruenta, desapiedada, totalitária. A guerra hedionda, em que as máquinas valiam mais que os homens, e que encheu sombriamente a Terra de matanças, de violências e de escombros. [...] a conflagração a cujo fim assistimos é um epílogo da crise do mundo moderno ao longo dos últimos quatro séculos"<sup>(46)</sup>.

Para Ameal, o Mundo Contemporâneo era, assim, um mundo corrompido e que sofria pelos erros cometidos em épocas anteriores.

## 2.2. *A expiação necessária*

Que fazer perante toda a crise que o mundo atravessa? Não haverá solução para os problemas existentes? Será já tarde?

Vejamos, através de retalhos de obras suas, como Ameal responde a estas dúvidas.

"Ao princípio da crise, estive a Apostasia, o repúdio dos valores essenciais. Recuperado o equilíbrio, destronado o materialismo, conferida outra vez a primazia aos valores essenciais — tão eficientes hoje como ontem e amanhã como hoje — a Civilização do Ocidente poderá salvar-se e poderá salvar a Europa. Porque ainda tem capacidades e virtudes para continuar a orientar o homem na sua jornada sobre a Terra"<sup>(47)</sup>.

"Tocou-se no fundo do abismo. Para diante, só a treva total, ou o apontar de nova madrugada. O homem — sou dos que absolutamente o crêem — tende a reerguer-se do precipício em que

<sup>(45)</sup> João Ameal, *Para ganhar a batalha da paz (Conferência)*, Lisboa, 1945, pp. 6-9.

<sup>(46)</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 9-10.

<sup>(47)</sup> João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, pp. 8-9.

tombou e a tomar consciência do que é e do que representa. Daí a *necessidade de uma revolução* Mas de uma *revolução diferente de todas*"<sup>(48)</sup>.

"Revolução que não vise só a destruir e a perturbar, mas sim a ordenar e a construir. Revolução contra os mitos dos últimos séculos e destinada a refazer uma unidade humana e a tornar viável uma estabilidade social"<sup>(49)</sup>.

"A verdadeira revolução, a única, só poderá ser aquela que (de acordo com o sentido rigoroso do termo) representa a volta ao ponto de partida, restitua o homem ao seu princípio. [...] visará antes de mais nada a restauração da pessoa humana, sobre o cadáver do Individualismo. E, assim, esforçar-se-à pela restauração, ao lado da *philosophia perennis*, duma *oeconomia perennis* (como lhe chama Anton Orel) ordenada aos fins humanos e não materiais e subordinada, como a política, às leis dominantes da moral; duma sociologia, também, em que, respeitadas as necessárias autonomias dos órgãos sociais naturais (como a família), profissionais e territoriais (como as corporações de artes e ofícios e as comunas ou municípios), todos se integram no objectivo primacial do bem comum. Numa palavra: uma revolução que emancipe o homem das cadeias terrestres da força, do gregarismo e do lucro para o sujeitar apenas ao seu criador e Salvador, a cuja imagem foi feito e lhe deve servir de modelo supremo"<sup>(50)</sup>.

A Revolução que Ameal aqui nos propõe terá que ter o sentido do regresso à ordem perdida, de reaproximação ao caminho, de recuperação da espiritualidade e do homem total. Será, segundo as suas palavras, a "reação vital dos organismos sociais contra a Revolução em abstracto, que traz consigo as subversões, o saque, as ruínas, as mortandades fratricidas [...]"<sup>(51)</sup>. Será "o despertar dum novo mundo espiritual e tradicional contra os venenos da revolta individualista [...]"<sup>(52)</sup>. Será, antes de mais e acima de tudo, uma *Contra-Revolução*, uma revolução que seja a negação da Revolução que culminou em 1789. Será também o ponto de partida

<sup>(48)</sup> *Idem, ibidem*, p. 316.

<sup>(49)</sup> João Ameal, *A Revolução da Ordem*, Lisboa, 1932, p. 15

<sup>(50)</sup> João Ameal, *No Limiar da Idade Nova ...*, pp. 12-14.

<sup>(51)</sup> João Ameal, *A Contra Revolução*, p. VII.

<sup>(52)</sup> João Ameal, *A Contra Revolução*, p. VH.

para um novo mundo, aquele que irá retomar o equilíbrio, a unidade, a integridade humana. Não é só destruição, também é construção. Arranca-se a erva daninha para que a flor possa crescer livremente!

Assim, segundo Ameal e tantos outros autores da mesma época, a síntese desta ideia poderá estar no "aforismo perfeito de Joseph de Maistre: 'uma Contra-Revolução, não é uma revolução contrária, mas o contrário duma revolução'. A batalha contra as más doutrinas e contra as más revoltas, não é tudo. *Depois da reacção purificadora, deve iniciarse a restauração do monumento tradicional, a reintegração da ordem humana nas suas molduras justas, a renovação que o nosso século imponha, mas dentro dos limites das verdades permanentes*"<sup>(53)</sup>.

A *Revolução Necessária*, a *Contra-Revolução*, terá que partir, forçosamente, do conhecimento da História. É preciso avançar não perdendo de vista toda a evolução que decorreu até à época presente. É preciso crescer tendo em conta os bons e os maus momentos da História. Os *bons* serão retomados, os *maus* serão renegados!<sup>(54)</sup> Não se pode avançar cortando radicalmente com o passado<sup>(55)</sup>. Foi esse, na opinião de Ameal, o grande erro da *Revolução* do séc. XIX: quis criar arquétipos do homem, da sociedade, da vida, tudo quis transformar, em nada se quis apoiar e não conseguiu deixar de, segundo o autor, enterrar o homem nos problemas que já vinham de tempos anteriores.

Que tipo de atitude se deve tomar para levar a cabo a tal "Contra-Revolução" necessária? Que tipo de actuação desenvolver?

A atitude *reaccionaria*, não no sentido pejorativo mas saudável do termo, segundo Ameal. Ela seria criadora porque reagiria contra

<sup>(ra)</sup> *Idem, ibidem*, p. XV.

<sup>(54)</sup> Tenha-se, desde já, em consideração a visão da História que aqui poderá subjazer!

<sup>(55)</sup> É límpida a forma como Ameal se refere a esta ideia no extracto que, a seguir, se transcreve: "Progredir sem regressar, sem reatar, é perder os insubstituíveis capitais do sofrimento e da glória, que a história nos legou, é desperdiçar, em alucinações pueris, a herança formidável. Cabe-nos antes reconhecer e multiplicar essa herança: colher os frutos, restituindo, à árvore dessorada, o fluxo dinâmico e animador das seivas que sobem das árvores..." (João Ameal, *Panorama do Nacionalismo Português*, p. 80).

um conjunto de realidades que vinham dos séculos anteriores e, sobretudo, do século XIX<sup>(56)</sup>. Seria a reacção saudável contra o caos instalado. Além disso, a atitude da Contra-Revolução deveria ser também *realista* "no sentido de obedecer ao culto das realidades"<sup>(57)</sup>, de não se afastar da sua base.

Assim, se se critica o séc. XIX, não se vão utilizar os seus métodos! <sup>(58)</sup> Se os problemas tiveram como origem a valorização do "indivíduo", vai agora valorizar-se a "pessoa"; se o Liberalismo, baseado na triologia revolucionária francesa, é fonte de desgraças, vai optar-se por uma solução autoritária; se a democracia, ou "demo-plutocracia", faliu e foi causadora de progressivas desgraças, deve, agora, caminhar-se para a sua aniquilação, em prol de um regime que possa congrega um país num projecto comum, seguindo a linha tradicional. A Revolução Necessária, afirma Ameal em várias obras e de forma sistemática na sua *Construção do Novo Estado*, deve ser: anti-liberal, anti-democrática, anti-plutocrática e autoritária<sup>(59)</sup>. Era de esperar que assim fosse!

Para conseguir todos os objectivos que a Contra-Revolução se propõe, para reconstruir, acima de tudo, a Pessoa Humana, é necessário ter, segundo Ameal, uma atitude precisa e dinâmica. Por esta razão "se há grande urgência na reconstrução do Homem, urgência maior haverá, porventura, na reconstrução do Estado. Sob o influxo das várias utopias e deformações, o Estado desviou-se gravemente da sua missão própria. [...] Impossível viver, trabalhar, resistir sob a sua pesada opressão. Impossível, também, esperar pela reconstrução do Homem para iniciar a reconstrução do Estado. [...] A reconstrução do Homem é obra lenta, melindrosa, difícilíssima. A reconstrução do Estado é obra também difícil, também complexa mas de menor lentidão no que se refere às primeiras exigências. [...] Reconstrução do Homem, reconstrução do Estado. O Estado,

(<sup>56</sup>) Vide João Ameal, *A Contra Revolução*, pp. 133-142.

(<sup>57</sup>) *Idem, ibidem*, p. 136.

(<sup>58</sup>) "Essa Revolução tendia, como era lógico e urgente, a suprimir os efeitos desastrosos da herança do séc. XIX. Era preciso sair dos caminhos que só podiam conduzir ao abismo. Era preciso libertar o futuro das hipotecas que sobre ele pesavam. Era preciso voltar as costas a um período de mentiras, de utopias, de preconceitos funestos e marchar, em passos decididos, à conquista de novos horizontes..." (João Ameal, *Construção do Novo Estado*, Porto, 1938, p. 12).

(<sup>59</sup>) Vide *Idem, ibidem*, pp. 12-13.

reconstruído na sua arquitectura legítima, permitirá ao Homem dar novos passos, e passos decisivos, para a sua final reconstrução"<sup>(60)</sup>.

O facto de valorizar a reconstrução do Estado como obra prioritária, à boa maneira maurrasiana, não tem que implicar, segundo Ameal, a valorização da Política; mais importante que ela é a Pessoa. "Na ordem da intenção, a restauração da Pessoa está primeiro; na ordem da execução, pode estar primeiro a solução do problema político"<sup>(61)</sup>. Isto porque é preciso apoiar a restauração da Pessoa. "Isto será o mesmo que dizer: toda esta construção tem de começar por baixo; antes que se levante o edifício é preciso cavar-lhe e afundar-lhe alicerces firmes"<sup>(62)</sup>. Apesar de os alicerces se não verem, são eles que permitem a sustentação do edifício! É preciso começar por eles! Mas não se pode nunca avançar, no caminho da política, sem ter em vista o fim último: a Pessoa. Não se pode, também, querer chegar à Pessoa tendo apenas em mente pressupostos idealistas. Deve avançar-se tendo sempre como base o concreto, o real, a tradição<sup>(63)</sup>. Deve haver sempre o meio termo entre a ideia e a prática, o desejável e o existente, a meta a atingir e a realidade circundante. Neste, como noutros aspectos, Ameal aparece-nos como um ideólogo pragmático.

Várias experiências teriam tentado pôr em prática esta necessidade de Contra-Revolução, na opinião de Ameal: a Rússia bolchevique, enquanto denunciou os erros liberais, mas não enquanto defensora de princípios materialistas; a Alemanha hitleriana, apesar dos excessos que Ameal atribui ao seu carácter germânico; a Itália de Mussolini, onde o Estado, afirma o autor, se reconstrói e consegue ser o fiel representante de uma Nação<sup>(64)</sup>, na

<sup>(60)</sup> João Ameal, *Rumo da juventude*, pp. 188-189.

<sup>(61)</sup> *Idem, ibidem*, p. 193.

<sup>(62)</sup> *Idem, ibidem*, p. 194.

(<3) "p<sub>ara</sub> escapar ao excessivo idealismo, o melhor recurso será corrigi-lo graças a um empirismo fortemente enraizado no concreto. É o que costume resumir nesta divisa límpida: regresso ao real. E no real se incluem desde os próprios valores desinteressados até aos mínimos pormenores da humana existência. O exame do real não impede nem mesmo prejudica, os mais fecundos esforços de ascensão e enobrecimento do Homem. Apenas os toma viáveis. Se lhes reduz algumas vezes as proporções, é para que eles não resultem vãos e estéreis". (*Idem, ibidem*, p. 199).

<sup>(64)</sup> Nação tem aqui o significado de entidade real e adaptável à realidade europeia do séc. XX, como mais à frente se explicará.

sua realidade total ou integral<sup>(65)</sup>. Mas o país que parece ter caminhado verdadeiramente no sentido contra-revolucionário, sem excessos ou violências, segundo Ameal, poderá ter sido o Portugal Salazarista<sup>(66)</sup>. Realmente, entre todas as experiências contra-revolucionárias que Ameal apresentou, só o salazarismo vai perdurar, vai ultrapassar os problemas das guerras mundiais, vai adaptar-se às novas realidades continuando a afirmar os mesmos princípios ao longo de décadas. Não será este, na óptica de Ameal, o modelo certo para a *Contra-Revolução*? Não será este o modelo vivo da sua *Contra-Revolução*?

### 2.3. A Salvação desejada

Estando em marcha todo este processo de sinal contrário à *maléfica* Revolução, só poderá caminhar-se para uma nova realidade, para uma nova época, para uma "Nova Idade", a tal "Nova Idade" que terá que implicar um Regresso. Regresso a valores que a partir do Renascimento se foram progressivamente perdendo, adulterando, corrompendo. Não se regressando linearmente à realidade da Idade Média, terá que beber-se a sua inspiração e construir ou reconstruir, sob novas bases, a Harmonia. Não se trata de "voltar ao passado, recuar, como julgam e temem os superficiais que apenas curam da imediata aparência das fórmulas — esclarece Ameal —, é reintegrar-nos na linha do avanço humano, aceitando, do passado, aquilo que nele se mostrara de substância eterna, incorruptível, portanto"<sup>(67)</sup>.

Para Ameal, incorruptíveis são, entre outros, os valores do

<sup>(65)</sup> Entenda-se a expressão "realidade total ou integral" no sentido do respeito pela História, tradição, constituição consuetudinária de uma Nação.

<sup>(66)</sup> Fazendo apelo ao discurso de Salazar no dia 30 de Julho de 1930, Ameal faz a resenha da situação de Portugal e da importância da Revolução Nacional Portuguesa. Portugal estava, nessa altura, em crise. "Crise de unidade nacional. Crise orgânica de uma Nação governada contra a sua natureza e contra a sua estrutura secular. Crise do Estado, do Estado desacreditado, impotente, abúlico. E Salazar apresentava a nossa Ditadura como disposta a realizar o modelo português da Revolução Necessária — 'fenómeno da mesma ordem dos que, por esse mundo, com parlamentos ou sem eles, se observam, tentando colocar o poder em situação de prestígio e de força contra as arremetidas da desordem e em condições de trabalhar e agir pela Nação'" (*Idem, ibidem*, p. 28).

<sup>(67)</sup> João Ameal, *No Limiar da Idade Nova...*, p. 239.

Tomismo, do Espiritualismo Católico, do Nacionalismo, da Tradição, da Unidade, da Ordem, da Pessoa. A eles se deve regressar, depois de um longo período de afastamento.

### 2.3.1. Regresso ao Tomismo e ao espiritualismo católico

A estrutura mental, a lógica de pensamento da Idade-Nova é dada por um retorno à Filosofia de S. Tomás de Aquino. São várias as obras de Ameal que estudam, sob vários prismas, esta figura e os seus princípios; são inúmeras as referências avulsas a este pensador cujas ideias são apresentadas como o ponto alto do pensamento humano<sup>(68)</sup>.

O objectivo não seria apenas lembrar um momento grande. Dever-se-ia, acima de tudo, retomar S. Tomás porque ele poderia responder às dúvidas da humanidade inquieta, acreditava Ameal. Na filosofia tomista se poderia encontrar a orientação, a luz para a nova época que se desejava. "*Nunca Tomás falou senão de Deus ou com Deus*. Por isso se conserva permanentemente actual, visto que Deus representa o Acto Puro, a actualidade contínua e incessante, enquanto o homem é sombra mudável e passageira. O Mestre da Idade-Nova será aquele que, justamente, nos ensina que em Deus se resume todo o nosso destino, todas as nossas esperanças, todas as nossas recompensas e que a única finalidade verdadeiramente digna do homem é procurar Deus, conhecê-IO, merecê-IO — viver e morrer de olhos postos na Eterna Vida!"<sup>(69)</sup>.

É-nos apresentado um "S. Tomás *novus*, inalteravelmente *novus*, porque inalteravelmente se mantém dentro da linha de permanência

(<sup>68</sup>) Depois dele, segundo Ameal, houve uma série de decadências filosóficas que passaram pela valorização da experiência material (Bacon, Locke), pela razão demiurga e onipotente de Espinoza ou Kant e avançou para o conceito de uma "inteligência que adere imediatamente ao objecto por uma espécie de simpatia brusca e eficaz" [João Ameal, *S. Tomás de Aquino, Mestre da Idade Nova, Conferência*, Porto, 1938, p. 36] (caso de Bergson, por exemplo). Estas tendências, olhadas negativamente por Ameal, registam, segundo ele, "não só uma rebeldia obstinada contra o domínio do transcendente — isto é: o divórcio do universo e do seu Criador — como também uma decomposição catastrófica da autêntica harmonia do conhecimento." (*Idem, ibidem*, pp. 38-39)

(<sup>69</sup>) *Idem, ibidem*, pp. 60-61.

da verdade"(70); a verdade não tem tempo, não se corrompe com o passar do tempo, segundo Ameal.

Como paladino da verdade, foi também criador de Ordem e de Harmonia, tendo como base a aceitação de hierarquias. O homem, para S. Tomás, "nem é apenas animal, nem apenas espírito — 'ni ange ni bête', dirá Pascal. E uma coisa e outra, o que equivale a não ser uma coisa nem outra, pois o composto distingue-se dos componentes"(71). Da mesma forma, "não é apenas o acordo entre a razão e a Revelação que o Tomismo estabelece, é a harmonia de ambas dentro de uma hierarquia — a razão autónoma na sua área, mas subordinada à Revelação infalível e indiscutível"(72). Assim, a pouco e pouco, S. Tomás "tudo enquadrava na sua profunda visão hierarquizadora e conseguiu dar do universo uma explicação em que sentimos e compreendemos a luminosa escala dos seres criados e adivinhamos, sobre ela, o esplendor latente, embora misterioso, da presença do Criador"(73). Conseguiu atingir a Ordem suprema, aquela a que todos os homens aspiram, segundo Ameal.

"Teólogo da Ordem, filósofo supremo da Ordem, o Dr. Comum é a voz que o mundo moderno, agitado de mil sobressaltos, preso a mil cadeias, alarmado por mil ameaças, precisa de escutar e de seguir. A Ordem — mas a Ordem completa, não apenas a frágil ordem aparente das arrumações demasiado rígidas — presidiu a toda a vida e a toda a obra de S. Tomás. Ordem no pensamento, Ordem nas acções. A sua vida foi modelo uno, perfeito, de Ordem Integral"(74). É esta ordem integral que o século XX, confuso e pervertido, precisa, na opinião de Ameal, de respirar. O homem actual "necessita de aprender de novo com o *Angélico*, as grandes regras da ordem, da disciplina, do equilíbrio, da plena posse das relações hierárquicas no vasto conjunto do universo"(75). Só assim, o mundo, poderá consubstanciar a Idade-Nova.

Tendo por base uma filosofia tomista, a Idade Nova terá, forçosamente, uma visão espiritualista das coisas e, como seria de esperar, essa espiritualidade tem por detrás de si uma concepção \* 1

*Idem, ibidem*, pp. 47-48.

O *Idem, ibidem*, p. 41.

F<sup>2</sup>) *Idem, ibidem*, p. 50.

P) *Idem, ibidem*, p. 53.

(74) *Idem, ibidem*, pp. 53-54.

O *Idem, ibidem*, p. 52.

católica da vida e da existência<sup>(76)</sup>. "O homem moderno — afirma Ameal — que tem levado, como um fardo, o peso imenso das suas ambições, das suas vanglórias, dos seus desatinos materialistas, só pela aceitação pura e alegre da cruz, esperança única, símbolo das dores e recompensas imortais, poderá entrar, com perfeita alegria construtiva, nos pórticos abertos da Idade-Nova"<sup>(77)</sup>.

A valorização do tomismo e do catolicismo por Ameal não é, de forma alguma, uma característica original dentro da intelectualidade portuguesa ou europeia da mesma época<sup>(78)</sup>. É também curioso e, mais uma vez, não desintegrado da realidade da época em que surge, o facto de Ameal considerar que o catolicismo, que sentiu crescer após a Primeira Guerra Mundial<sup>(79)</sup>, o catolicismo que será o sustentáculo da Idade-Nova que preconiza, pode estar ameaçado. Não é apenas o materialismo, na feição comunista ou capitalista, que o ataca na sua essência profunda; não é apenas a mística oriental que o pretende ver destronado<sup>(80)</sup>. Há

(76) S. Tomás foi uma das figuras queridas da catolicidade e um dos símbolos, na época em que Ameal viveu, da pujança da Igreja Católica. A Idade-Nova que se aspira deve, assim, como já se tem referido por diversas vezes, partir de uma "revolução que emancipe o homem das cadeias terrestres da força, do gregarismo e do lucro, para o sujeitar apenas ao seu Senhor natural, ao seu Criador e Salvador, a cuja imagem foi feito e que lhe deve servir de modelo supremo. É o *assimilari Deo*, de S. Tomás de Aquino, proposto, como aspiração última, a mais nobre e perfeita, a todos nós..." (João Ameal, *No Limiar da Idade Nova...*, p. XIV).

<sup>i77)</sup> *Idem, ibidem*, p. XVI.

<sup>c8)</sup> O nome e a importância do Cardeal Cerejeira, entre os portugueses, é por si só representativo de uma época. A ambiência católica que o poder salazarista respirava e inspirava em Portugal é algo que não se poderá negar. Não teria sido, talvez, por acaso o facto de a década que viu implantar a República ter sido, também, a que viu surgir Fátima como fenómeno que cada vez mais tomou contornos nacionais. A Igreja parece ter encontrado em vários países, entre os quais se não pode esquecer Portugal, um terreno propício para a consolidação da sua importância. Não teria sido por acaso, também, que o regime dito Salazarista que, em sentido lato, abrange o período mais marcante da carreira de João Ameal, definiu como base orientadora a triologia "Deus, Pátria, Família".

<sup>i79)</sup> *Vide* João Ameal, *A Contra-Revolução*, p. 195.

<sup>i80)</sup> A este propósito poderá referir-se que, depois de apontar a valorização dada ao catolicismo na década de 20 do nosso século, Ameal afirma que, como seria de esperar, "[...] a reacção dos retrógrados materialistas respondeu a

um outro perigo que, em 1928, o autor aponta como importante também: o perigo judeu. As correntes anti-semitas, existentes na Europa de então, pareciam encontrar eco também em Ameal, como noutros autores portugueses da época<sup>(81)</sup>, embora de forma pouco marcante<sup>(82)</sup>.

A Igreja terá, então, que estar pronta a enfrentar os seus vários inimigos, sejam eles de que natureza forem. Só ela conseguirá criar o fundamental na Nova-Idade: a Pessoa; só o catolicismo poderá indicar o caminho para a fuga à crise existente, segundo Ameal.

### 2.3.2. Regresso à Unidade e à Ordem

A recuperação de valores tomistas e católicos implicaria, logicamente, o regresso à Unidade perdida pela Europa<sup>(83)</sup>. Só a Unidade serviria de verdadeiro sustentáculo de um mundo novo

essa onda de mística. Todas as potências universais do ódio e do ouro se mobilizaram contra o prestígio doce, eterno, invulnerável de Cristo. E a conjuntura dos bárbaros rasteiros veio opor-se, inutilmente, ao êxtase das almas em ascensão..." (*Idem, ibidem*, pp. 195-196). O catolicismo, apesar de próspero, vê-se atacado em várias frentes.

<sup>(81)</sup> Mário de Saa, citado por João Ameal na obra *A Contra-Revolução*, p. 199, é apenas um exemplo.

<sup>(82)</sup> Ameal apesar de identificar categoricamente na sua obra *A Contra-Revolução*, pp. 193-199, o perigo judeu e o negativismo da raça semita, não apresenta, de forma linear uma posição racista ou xenófoba. Por vezes perpassa da sua argumentação um certo sentido ecumenista que não seria de estranhar no autor já que é uma das bases do cristianismo. A título de exemplo refira-se apenas a seguinte passagem que elucida este aspecto: "Só a Igreja de Roma pode, com efeito, promover o abraço geral dos povos da terra, apontando-lhes a futura irmandade infinita do Céu" João Ameal, *No Limiar da Idade Nova...*, p. 232).

<sup>(83)</sup> Recorde-se, mais uma vez, que, segundo Ameal, a Igreja Católica tinha servido de elo unificador a um espaço fragmentado pelas invasões germânicas e foi um dos factores da existência de uma Civilização Ocidental. Foi por causa desta unidade que a Europa conseguiu dominar o Mundo; foi quando se afastou dessa unidade dada pelo Espírito católico que a Europa começou a entrar numa crise que se prolongou até ao séc. XX. A este respeito são elucidativas as palavras de Ameal na obra *Rumo da Juventude*, ao referir-se às causas dos conflitos mundiais do séc. XX. "Que lhe faltava, acima de tudo, a essa Europa crispada e apreensiva, cheia de sobressaltos percussores e de latentes ameaças? Faltava-lhe incontestavelmente, o princípio supremo da Unidade. Unidade perdida há

e, por isso, a Idade-Nova terá que ser, indubitavelmente, a Nova Idade da Unidade, da Harmonia, do fim Comum, da meta a atingir. O Novo Estado que se preconiza, que se considera necessário para a consubstanciação da Nova-Idade, deverá ter em conta, também, essa necessidade de Unidade, considerada até como "fundamento decisivo das sociedades humanas"<sup>84</sup>).

"Enquanto não há unidade — afirma Ameal — pode dizer-se que a sociedade não existe, já que carece de vontade comum, orientadora para a conquista de um objectivo comum. Se houve unidade e deixou de haver, novamente a sociedade tende a desagregar-se, a voltar à dispersão anárquica das autonomias individuais. Vem a este propósito citar — continua Ameal — um texto de S. Tomás de Aquino, na *Summa. Theologica*, ao qual sete séculos em nada turvaram a limpidez e a verdade. 'A unidade pertence à essência do bem... Assim como todos tendem para o bem, todos tendem para a unidade, sem a qual não subsistiriam; pois tudo existe na medida em que é uno. Por consequência, todas as coisas repugnam quanto possível a deixarem-se fragmentar e a sua dissolução provém sempre de uma falha na sua unidade. Assim, o fim visado pelo que governa uma multidão (ou uma sociedade), é a unidade ou a paz'"<sup>85</sup>).

Quando a Unidade for retomada, sobre bases católico-tomistas, isso implicará também o retorno a uma Ordem que se perdeu durante vários séculos. Aliás, Unidade e Ordem são conceitos próximos e até complementares, para Ameal.

quatro séculos e que só chegou a ter verdadeira realidade durante o luminoso apogeu da Idade-Média. De facto, na Idade-Média, para além de divisões, de querelas, de iniciativas ou de concorrências fraccionárias, os povos reconheciam o mesmo Senhor e seguiam a mesma Lei. [...] Perdida a Unidade, a Europa tem rolado de decadência em decadência; o seu *processus* de decomposição acelerou-se num ritmo progressivo. [...] O que vemos hoje é o efeito momentâneo destas profundas e remotas causas. Por isso estou firmemente convencido de que o remédio para o mal europeu não pode ser encontrado no recurso às armas, nas decisões precárias resultantes do simples embate de forças materiais, mas sim, e apenas, na reconquista da Unidade perdida, que, depois de reconciliar o homem consigo próprio, lhe ensinará o segredo da reconciliação com os outros homens". (João Ameal, *Rumo da Juventude*, pp. 128-130).

<sup>84</sup>) João Ameal, *Construção do Novo Estado*, p. 51.

<sup>85</sup>) *Idem, ibidem*, pp. 51-52.

Há necessidade de retomar a Ordem para criar uma nova realidade; há necessidade de encetar uma "Revolução que não vise só a destruir e a perturbar, mas sim a ordenar e a construir"<sup>(86)</sup>. É preciso, afinal, uma "Revolução da Ordem, da reconquista da ordem humana, perdida e comprometida desde o séc. XVI"<sup>(87)</sup>.

Mas qual a Ordem que se quer retomar? Qual a Desordem que se deve evitar? O que significa a palavra Ordem? Porque é que se deve negar o seu oposto?

Ordem não é, para Ameal, um termo sem conteúdo ou significado "É uma condição essencial de vitalidade. É um indispensável ambiente para o florescimento humano. Sem a Ordem, o homem abafa, a sociedade desagrega-se, a pátria sucumbe. Não é apenas uma vaga ideologia de retóricos. [...] A Desordem também é mais do que longínqua ameaça de pesadelo. É a miséria que entra na vida; é o perigo perpétuo sobre todos os movimentos e todas as expansões; é a família dividida, mutilada, em sobressalto; é a casa em permanente risco de destruição e de invasão; é, enfim, a vida repousando sobre o incerto, o caminho dos homens cortado de precipícios e de sorvedoiros"<sup>(88)</sup>.

A Ordem, porque consubstanciada em realidades bem marcadas, é uma palavra que em si "encerra altas responsabilidades, exprime um sistema completo de organização mental e social"<sup>(89)</sup>. A Ordem deve ser uma realidade que por si própria se impõe porque possui valor interno e não apenas externo. "Não se trata, apenas de defender o Poder contra o assalto das quadrilhas de desordeiros, de garantir ao povo eficaz protecção ao abrigo da lei. Não se trata simplesmente de policiar a vida do agregado, dentro da missão traduzida pelo famoso lugar-comum: 'manter a ordem'. Não. A ordem não basta mantê-la; é indispensável criá-la. Uma ordem que exija uma vigilância diária para ser mantida, é uma ordem transitória, deficiente, em risco perpétuo. *A ordem deve criarse* — tão segura, tão consistente, que possa manter-se por si, pelas suas próprias virtudes essenciais"<sup>(90)</sup>. Para conseguir atingir uma ordem \* 1

<sup>(86)</sup> João Ameal, *A Revolução da Ordem*, p. 15.

<sup>(87)</sup> *Idem, ibidem*, p. 16.

<sup>(88)</sup> João Ameal, *A Contra-Revolução*, pp. 10-11.

<sup>(89)</sup> João Ameal, *Rumo da Juventude*, pp. 106-107.

<sup>(90)</sup> *Idem, ibidem*, p. 107.

intrínseca é preciso que ela não exista só na aparência, é preciso "estabelecê-la, ao mesmo tempo, nas ruas e nos espíritos. [...] A ordem das ruas tem de se fundar, pois, na ordem das ideias, na ordem política dum Estado cujo funcionamento produza, como natural resultante, a conservação da mesma Ordem"<sup>(91)</sup>.

Concluindo, o Mundo em crise se quer atingir uma nova idade terá que ultrapassar a ordem frágil, a disciplina aparente, e avançar para a Ordem total, a que abarca um vasto conjunto. "Trata-se de assegurar a Ordem integral, capaz de se ajustar à vida progressiva das sociedades, de as acompanhar e proteger nos caminhos da História futura!"<sup>(92)</sup>. Trata-se, no fundo, de aceitar a Ordem no sentido tomista do termo, como respeito de hierarquias e de aceitação da espiritualidade profunda a que, segundo Ameal, todo o ser humano aspira.

Claro que a Ordem que se procura tem as suas raízes na tradição que se transmitiu, nas experiências que se viveram, nos costumes que enformam uma região ou um povo<sup>(93)</sup>. Por isso mesmo, como afirma Ameal, "só pelo *Nacionalismo* e pela *Tradição* renovada se pode atingir a Ordem política e, muito mais importante e essencial do que ela, a Ordem espiritual e moral"<sup>(94)</sup>. Sem essa estrutura firme a Ordem que se pretende alcançar não passa de mais uma palavra sem sentido, perde todo o seu conteúdo. E a verdadeira \* (\*)

<sup>(91)</sup> *Idem, ibidem*, p. 107.

<sup>(\*)</sup> *Idem, ibidem*, p. 108.

<sup>(93)</sup> João Ameal é explícito em relação a este aspecto. Vejamos as suas explicações. "Mas sobre que base estabelecer e fortalecer a ordem dos princípios? Sobre a 'política experimental' de que falava José de Maistre, a qual se confunde com a história de cada país. *O estudo atento da História ensina a orientação mais útil e mais justa*. Desde que se de vida nova às leis permanentes do organismo nacional, se prossiga a marcha da evolução histórica de acordo com as exigências dos tempos que vivemos, a ordem reaparecerá, como natural consequência e não se confunda a ordem com a rotina em que se imobilizam os 'conservadores' superficiais. Essa, talvez suprima alguns efeitos da desordem; deixa, todavia, ficar de pé as causas. Nada resolve e nada cimenta. Só a *Ordem Integral* — não já passageira, mutilada, em perigo constante — se ajusta à vida progressiva das sociedades e as acompanha e protege em relação à História futura". (João Ameal, *Defendemos os valores espirituais no governo e na vida*, Separata de *Pontos de Doutrina*, Coimbra, 1967?, pp. 10-11).

<sup>(94)</sup> João Ameal, *A Contra-Revolução*, p. 19.

Ordem aquela que se pretende atingir, não os seus disfarces ou fachadas.

"A Ordem tem um sentido profundo e único. Quer dizer, antes de mais nada, *harmonia*. Harmonia na mais forte intenção do termo. A Ordem, politicamente, é a harmonia social na sua expressão mais conforme com a empresa da conquista do *bem-comum*. [...] O *bem-comum* — como melhor do que ninguém o entendeu Santo Tomás — implica os bens morais, espirituais e materiais da Nação. Da Nação, e não dos indivíduos. Quer dizer: o *bem-comum* é tomado num significado *orgânico* e só pode obter-se e consolidar-se num país organizado, disciplinado e orientado dentro dos modelos que a sua natureza impõe. Só uma construção tradicionalista é susceptível de manter e assegurar o *bem-comum*"<sup>(95)</sup>.

A esta Ordem Orgânica que se identificará, no ideário de Ameal, com a Verdade, com a Unidade, se deve aspirar, por ela se deve lutar tendo sempre em consideração que optando pela Ordem se está contra a Desordem em todas as suas versões ou disfarces. "E assim a reacção decidida contra as calamidades da Desordem"<sup>(96)</sup>, e a vontade resoluta de encontrar de novo a arquitectura salvadora da Ordem, levam-nos a um renascimento profundo da fé e da cruzada nacionalista. Para cada um, no ciclo moral e espiritual, só o renascimento católico e tomista pode trazer o resgate perfeito. Mas para o conjunto, para a finalidade imperativa da salvação da Pátria — tem de operar-se, de acordo com as verdades naturais do organismo português<sup>(97)</sup>, o renascimento nacionalista"<sup>(98)</sup>.

<sup>(95)</sup> *Idem, ibidem*, p. 18.

<sup>(96)</sup> São vários os episódios históricos identificados por Ameal com a Desordem. A título de exemplo poderão citar-se as seguintes palavras do autor. "O *non-serviam* de Lutero é uma das bases da Desordem moderna, que encontrou depois a sua fase aguda na Declaração dos Direitos do Homem (direitos excessivos e anarquizadores tanto mais que não foram corrigidos pela indispensável 'Declaração do Deveres do Homem'..." (João Ameal, *Panorama do Nacionalismo Português*, p. 70).

<sup>(97)</sup> Aquilo que Ameal afirma para Portugal pode considerar-se norma, também, para outros povos e regiões.

<sup>(98)</sup> *Idem, ibidem*, pp. 70-71.

### 2.3.3. Regresso à Tradição e ao Nacionalismo

Assim, a Ordem total, substância da Idade Nova, a Harmonia que se pretende só pode conceber-se em moldes tradicionais e nacionalistas. Como afirma Ameal "o único caminho que se oferece à renascença universal é o *caminho do regresso*. *Regressar* é, no domínio moral, *avançar*. *Regressar é progredir*"(). Progresso, para o autor terá que estar ligado a Ordem. "Tudo quanto traga desordem, tudo quanto semeie desordem é um atentado à magnífica ascensão humana. O que é a Ordem, afinal? É a resultante dos esforços de todos os homens, em todos os tempos, para chegar ao equilíbrio social dentro da harmonia mais perfeita. A ordem é, portanto, todo o passado, fecundo e criador, curvado sob a tarefa ardente de preparar, no presente, a maior felicidade futura"<sup>(100)</sup>.

A Ordem tem então a ver, para Ameal, com o reatar de um fio que o passado nos entregou; tem a ver com o que já foi construído. *Regressar* é reatar; reatar é avançar. A cadeia humana não pode ser cortada e a Idade-Nova nunca pode criar sem ter por base "todo o passado fecundo e criador", a tradição, a experiência de outras eras<sup>(101)</sup>.

Mas como, onde, em que moldes pretende Ameal reatar a tradição, construir a Ordem, atingir a Harmonia e a Unidade?

A estrutura que poderá dar força a esta ambiência tradicionalista sem a qual a Ordem e a Unidade não existem, será a *Realidade-Nação*. Para Ameal, *nação* "não é um conceito abstracto, um sistema de ideias, é uma realidade moral, social, étnica, histórica, geográfica, económica, etc."<sup>(102)</sup>. Mais ainda acrescenta e esclarece o autor ao afirmar que "no estado actual da evolução humana, a nação é a realidade política por excelência [...]"<sup>(103)</sup>.

Apesar do autor apontar para ideias universalistas quando fala da Ordem, da Unidade, do Tomismo ou do Catolicismo, vemos que, integrando-se em correntes de pensamento da sua época,

() João Ameal, *A Contra-Revolução*, p. 27.

<sup>(100)</sup> *Idem, ibidem*, p. 29.

<sup>(101)</sup> Refira-se que uma das coisas que Ameal criticou no Marxismo ou na Revolução Francesa foi a tentativa de cortar com o passado para criar uma ordem perfeita. A Idade Nova não poderá cair no mesmo erro.

<sup>(102)</sup> João Ameal, *Construção do Novo Estado*, p. 48.

<sup>(103)</sup> *Idem, ibidem*, p. 48.

procura na Nação a concretização dos seus projectos, a consolidação de uma nova realidade de que vislumbra o aparecimento. Reforce-se a ideia de que a Nação, para Ameal, não se identifica com um território, com um povo ou com uma raça, com uma forma de pensamento ou com uma ideologia, com um percurso histórico. Nação é o resultado de um conjunto de factores, não um deles em particular; *Nação é, acima de tudo, uma realidade, nunca uma abstracção.*

Por consequência, só a "doutrina que preconize e mantenha o culto da realidade-nação, que estimule os homens a subordinarem os interesses particulares ao nobre imperativo do interesse nacional"<sup>(104)</sup> poderá ser, para Ameal, considerado como *Nacionalismo*.

Como melhor explica o autor em outro dos seus escritos, "Nacionalismo é a doutrina e a mística professadas por aqueles que, pondo a Nação, a realidade-Nação, a ideia-Nação, acima das falsificadoras engrenagens políticas, consideram a Nação um organismo vivo, permanente, com características próprias, com uma tradição a continuar, um interesse constante a atender e um futuro solidário a reconstituir. Implica, portanto, *uma concepção orgânica e tradicionalista da Nação, tomada não como um agregado de indivíduos, mas como Unidade religiosa, moral, histórica, geográfica e étnica*"<sup>(105)</sup>.

Nacionalismo terá, assim, que ter um dupla essência: *realista e transcendente*. Ele será a doutrina "que se apoia com solidez naquilo que existe e que, também, se ergue aos planos superiores da fidelidade a um passado de glórias e sacrifícios comuns e de preparação de um futuro capaz de continuar o esplendor daquelas, de garantir a recompensa destes, de *exprimir, enfim, a sequência histórica* do agregado"<sup>(106)</sup>.

O Nacionalismo, assim considerado como algo global ou integral, pode, de certa forma, confundir-se com o *Patriotismo* — "gratidão à sociedade que encontramos já pronta a receber-nos, ordenada, regulada, tutelar"<sup>(107)</sup> — na maneira de pensar de Ameal. Este será o "*bom Nacionalismo*, irmão gémeo do Patriotismo, de que

<sup>(104)</sup> *Idem, ibidem*, p. 48.

<sup>(105)</sup> João Ameal, *A Contra-Revolução*, p. 147.

<sup>(106)</sup> João Ameal, *Construção do Novo Estado*, p. 49.

<sup>(107)</sup> João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, p. 263.

constitui a lógica projecção na ordem da justa actividade política"<sup>(108)</sup>.

Fiel aos seus princípios, consciente do mundo que o cerca e, talvez, dos perigos de se ligar a certas realidades que estão a entrar em desgraça, Ameal tenta distinguir bem as ideias das realidades a que podem dar origem. Assim, considera que para além do *bom Nacionalismo* há também um de má índole. Nesse caso o Nacionalismo pode ser visto como uma ideologia caminhando para a "idolatria de certo grupo, ou de certa raça, ou de certa forma de cultura que produz aberrações, excessos lamentáveis e bem conhecidos"<sup>(109)</sup>. O Nacionalismo é, desta forma, a doutrina que defende um conceito abstracto de Nação, não uma Nação concreta, não uma realidade-Nação, como diz Ameal. Esse Nacionalismo exacerbado e meramente teórico, não passará de um "*mau Nacionalismo*"<sup>(no)</sup>. Será "aquele que deriva de duas nascentes envenenadas: a avidez e o orgulho. Aquele que deifica o Estado e não vacila em o considerar fonte suprema das normas éticas e jurídicas. Aquele que chega a converter em objectos de adoração pagã, umas vezes os factores etno-biológicos da Raça; outras os símbolos do Poder ou os homens que o exercem; outras, os pobres esplendores fictícios do Oiro corruptor; outras, os delírios febris de uma Técnica sem alma. [...] Aquele que faz desaparecer a real e humana figura da Nação e a substitui por um novo monstro, que tudo chama a si e esmaga os seus elementos constitutivos — pessoas e grupos naturais — sob o peso de um cilindro tirânico"<sup>(m)</sup>.

Evidentemente que não será este último Nacionalismo, o *mau Nacionalismo*, que Ameal preconiza como sustentáculo da sua Idade-Nova<sup>(112)</sup>, será antes o primeiro, aquele que assume a Nação como

(i°8) p<sub>ara</sub> Ameal, como para o ideário católico, a palavra Patriotismo tem mais o sentido espiritual ou moral, enquanto que Nacionalismo tem um sentido mais político. *Vide Idem, ibidem*, pp. 263-284 e 273.

(109) João Ameal, *Construção do Novo Estado*, p. 49.

(no) Expressão utilizada por Ameal na obra *Europa e os seus fantasmas*, p. 273.

(m) *Idem, ibidem*, p. 273.

(112) Ameal demonstra, como não seria de estranhar, a sua repugnância em relação a este mau Nacionalismo. Segundo ele a essa aberração melhor seria dar-lhe outros nomes "exactamente adequados aos seus vícios e características: aqui deverá empregar-se a designação de *estadolatria*; ali, *racismo*; além, *plutocracia despótica*; mais longe, *tecnocracia materialista*." (*Idem, ibidem*, p. 274).

realidade, que a desenvolve, que a consolida, que a venera enquanto testemunho do passado e suporte do futuro.

Acrescente-se, ainda, que o *bom Nacionalismo*, aquele que servirá de base à Idade Nova, para ser perfeito terá que ser, na opinião de Ameal, um *Nacionalismo Integral*. Vejamos as suas palavras em relação a este assunto. "Nacionalismo Integral, não pode limitar-se a essas generalidades úteis, justas, mas incompletas que são: o culto da Tradição, uma concepção orgânica da Nação, um respeito devoto pela Igreja Católica<sup>(113)</sup>. Apropriada lógica, e ainda mais, a própria coerência das ideias, requerem a coroação decisiva do sistema, postulam a adesão franca e nítida à *Monarquia tradicional* (único regime para o qual o culto da Tradição não é um incidente ou um episódio mas o autêntico *substratum*), *católica* (visto só ela poder oferecer à Igreja Católica a sua filial submissão e aliança, livre de ingerências ou usurpações maçónicas e demagógicas), *orgânica e anti-parlamentar* (visto só ela, trazendo o *chefe único*, poder corresponder à unidade orgânica da Nação e, por intermédio desse *chefe único*, sobrepor-se ao tumulto das assembleias dos partidos, e organizar a representação dos interesses constantes e legítimos das células nacionais: família, corporação, município, província)"<sup>(114)</sup>. O Nacionalismo Integral, aquele que Ameal deseja para Portugal, por exemplo, terá que implicar a aceitação da Monarquia.

#### 2.3.4. O Regresso à Pessoa

A Idade-Nova, sendo Nacionalista, Tradicionalista, Tomista, Católica, visando o retorno à Ordem e à Unidade, implicará como

<sup>(113)</sup> Na obra *A Contra-Revolução*, escrita uns anos antes, Ameal afirmava que a defesa dessas três realidades não caracterizava o *Nacionalismo Integral* mas sim o *Nacionalismo Legítimo*. Vejamos as suas palavras. "Põem-me, talvez, uma objecção: a de que eu exijo, para reconhecer a qualidade de *nacionalista*, a adesão à Monarquia católica, orgânica, tradicionalista, anti-parlamentar. Estou de facto, convencido que é esse regimen que representa o *Nacionalismo Integral*. Mas, para considerar alguém *nacionalista* — *nacionalista* não ainda *integral*, mas, pelo menos, *legítimo* — creio apenas que esse alguém deve ter o *culto da tradição, uma concepção orgânica do Estado Nacional, e um respeito devoto pela Igreja Católica*. Isto sem impor a conclusão pela Monarquia, embora seja a minha". (João Ameal, *A Contra-Revolução*, p. 148).

<sup>(114)</sup> João Ameal, *Panorama do Nacionalismo Português*, pp. 73-74.

corolário a reconstrução da *Pessoa*, ser temporal e espiritual, livre e contingente, porque dependente de Deus que o criou. Como já atrás foi referido, a *Pessoa*, no sentido católico do termo, só poderá ser atingida ou recuperada quando as estruturas físicas, políticas, mentais e ideológicas lhe tiverem possibilitado a existência. Recorde-se que Ameal afirma que "há que instituir um mínimo de segurança, de equilíbrio, de paz social. Só depois se tornará viável aquele esforço, que é, no fim de contas, o maior: o esforço destinado a restituir à *pessoa* o seu lugar, a colocar de novo a organização colectiva ao serviço da fecunda hierarquia dos fins"<sup>(115)</sup>. Tudo se deverá preparar para que a plenitude da Idade-Nova se atinja com o ressurgimento da *Pessoa*.

O homem vive integrado numa sociedade, é esse o seu estado natural<sup>(116)</sup>, mas não deve, no entanto, sujeitar-se pura e simplesmente ao conjunto de que faz parte. A sociedade não dá tudo ao homem porque contempla apenas a sua faceta terrena. "Se ela [refere-se à Sociedade] lhe é imprescindível como garantia e moldura das suas finalidades de ordem terrena, nem por isso o homem perde, fundamentalmente, os seus caracteres de *pessoa*, isto é, de ser dotado de vida espiritual autónoma, possuidor de livre-arbítrio quanto aos meios a escolher para obter os seus fins, ordenado a um destino superior"<sup>(117)</sup>.

Ou seja, como mais adiante, na mesma obra, Ameal clarifica, enquanto *indivíduo*, o homem "terá que sujeitar-se às harmonias superiores do bem-comum, embora lhe seja lícito ocupar, dentro delas, o seu lugar e usufruir determinados direitos e liberdades"<sup>(118)</sup>. No entanto, enquanto *pessoa* e "na medida em que, nascidos para a conquista da vida eterna, para a sede do divino e, portanto, para uma actividade *meta-social*, nos movemos num plano que ultrapassa os meros arranjos da sociedade terrena"<sup>(119)</sup>. Assim, "o *indivíduo* existe para o Estado, enquanto lhe está subordinado para benefício do interesse geral; o Estado existe para a *pessoa*, enquanto lhe

<sup>(115)</sup> João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, p. 227.

<sup>(116)</sup> Vide João Ameal, *Construção do Novo Estado*, pp. 41-44.

<sup>(117)</sup> *Idem, ibidem*, p. 43.

<sup>(118)</sup> *Idem, ibidem*, p. 62.

<sup>(119)</sup> *Idem, ibidem*, p. 63.

cumprir assegurar, à *peessoa*, a sua livre caminhada em direcção ao fim último; e a *peessoa* existe para esse fim último: Deus"<sup>(120)</sup>.

A finalidade espiritual e católica é nítida nestas palavras! Na Idade-Nova o homem conseguirá encontrar a sua realização plena porque, finalmente, irá ser retomada a sua dupla natureza<sup>(121)</sup>.

Será preciso então que o *Novo-Estado* que Ameal preconiza, a *Contra-Revolução* a que dá o seu aval, a *Idade-Nova* que profetiza, caminhem em direcção à *Pessoa Humana*, à completa realização do Homem. Quando isso for atingido, certamente que uma nova realidade surgirá nos horizontes em que Ameal viveu e que considerou tão negros.

"É preciso reatar a tradição espiritual quebrada há quatro séculos. E preciso que o Novo-Estado seja construído de forma a não atrofiar e a não subjugar a *peessoa humana*, mas a abrir-lhe uma longa estrada, no termo da qual lhe seja dado atingir a sua finalidade suprema, a única susceptível de a saciar por completo: a posse dos bens eternos"<sup>(122)</sup>.

### 3. O historiador apologista

Afirmou-se Ameal como doutrinador, como divulgador de ideias, como apóstolo de certas realidades, já o afirmamos. Mas, Ameal, impôs-se também, no panorama intelectual da época em que viveu, como historiador<sup>(123)</sup>, como alguém que pensou as

<sup>(120)</sup> *Idem, ibidem*, p. 63.

<sup>(121)</sup> Ameal marca bem esta dualidade, não considera que o homem seja apenas *indivíduo* ou apenas *peessoa*, mas as duas coisas a um tempo só. No entanto mais importante que o *indivíduo* é naturalmente, a *peessoa*, ela incarna a dualidade original. Assim, afirma o autor que "o homem-indivíduo e o homem-peessoa não são diversos; são o mesmo ser considerado sob dois pontos de vista. Em *La Personne humaine et la Société*, define-o Maritain com nitidez. E recorda: 'A pessoa, como pessoa, é uma totalidade; o indivíduo, como indivíduo, é uma parcela.'" (João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, p. 325).

<sup>(122)</sup> João Ameal, *Construção do Novo Estado*, pp. 63-64.

(U3) p0i, como já ficou registado, membro da Academia Portuguesa de História e autor de variadíssimas obras comumente consideradas históricas, e que ainda hoje, numa conjuntura política diferente, são reeditadas (caso da sua *História da Europa*). A sua obra *História de Portugal*, publicada por ocasião

questões históricas, que sobre elas trabalhou, que as utilizou para nos transmitir uma certa visão do mundo e das coisas, que nos apresentou uma forma de fazer a História que o Estado Novo apoiou e divulgou.

Como se compreende que um homem, "doutrinariamente" tão marcado tivesse feito História? Qual o sentido ou oportunidade da História para Ameal? Como viu este homem a História? Como escreveu Ameal a sua História?

Para compreender a História de Ameal temos que considerá-la como *vidai*<sup>(1\*)</sup>, já que o autor também assim a considerava. E note-se que Ameal clarifica esta ideia afirmando que a História não é "apenas a vida dos outros — de outros tempos, de outros seres — mas a nossa vida, antes de nós"<sup>(125)</sup>. "Longe está de abraçar a totalidade do próprio destino — continua o autor — quem julgue que a sua história terrena começa com o nascimento e acaba na morte. A nossa História é toda a história. A história dos homens é a História do Homem — e a história de cada homem. Em cada homem, está, por isso, a História inteira — que colaborou na sua formação e veio até ele como um impulso que, neste momento, nele se resolve e condensa. A História nos faz; agora, somos nós que a fazemos. Escrever a *História*, é buscar-nos, compreender-nos, definir-nos, sentir-nos solidários de um imenso movimento que nos inclui e nos leva. Nada mais vivo, sem dúvida, visto ser *aquilo que em nós é anterior a nós*"<sup>(126)</sup>.

Se a História é vida, se diz respeito ao Homem, se o explica, se é por ele criada, só pode ser total e vista, logicamente, de forma pessoal, introspectiva, mesmo. Por isso Ameal, afirma que "a

das comemorações centenárias de 1940, teve uma larga divulgação e inspirou um outro título, *Breve Resumo da História de Portugal* que, segundo palavras iniciais, "é, como o título o indica, um panorama traçado apenas em linhas esquemáticas" (João Ameal, *Breve resumo da História de Portugal*, Lisboa, s.d., p. 6) e se dirigia a um público ainda mais vasto. Foi também ele o homem que coordenou, com Domingos Mascarenhas, os *Anais da Revolução Nacional* em que se historiou a Revolução saída de Maio de 1926 e que veio a criar o Estado Novo institucionalizado em 1933.

<sup>(124)</sup> Vide João Ameal, *História de Portugal*, Porto, Liv. Tavares Martins, 1940, p.x.

<sup>(125)</sup> *Idem, ibidem*, p. X.

<sup>(126)</sup> *Idem, ibidem*, p.X.

*História* constitui um *exame de consciência*"<sup>(127)</sup>. Em sentido lato, para Ameal, dentro de cada homem está a sua História que é, afinal, a "História do Homem".

Tudo o que esquece o homem, a sua maneira de agir e de pensar ao longo dos tempos não pode ser História. Sendo viva e humana, a História tem que falar de coisas reais, não de puras abstrações. Por isso, a História, como a vida, é feita, para Ameal, de episódios, de acontecimentos, de "pequenos nadas", de escolhas, de opções. São esses actos, dignos ou abomináveis, que é preciso lembrar. Note-se, no entanto, que apesar de episódica, a História, para Ameal, tem uma certa coerência. "A História é uma continuidade orgânica e dinâmica. No passado contem-se o presente; no presente, desenha-se o futuro. Esquecer o que já foi, é mutila-la nas suas raízes mais profundas; ignorar o que virá, é mutila-la nas suas perspectivas criadoras e promissoras. A visão completa exige uma compreensão total desta marcha ininterrupta para a frente, que permite a lei irresistível do ímpeto vital"<sup>(128)</sup>.

A História, História do Homem e feita por homens, encarada como sucessão, encadeada de factos, como movimento constante, tem de registar, para Ameal, certos momentos ou épocas chave, no bom e no mau sentido. Afirma o autor que "certos períodos marcam, na trajectória da Humanidade, momentos áureos, momentos de alto sentido espiritual, enquanto outros apresentam o triste panorama dos grandes colapsos"<sup>(129)</sup>. Dentro desta lógica são, evidentemente, os "momentos áureos" que fazem com que a humanidade avance, são os "grandes colapsos" que fazem com que a História pareça parar, que mais que um avanço represente um retrocesso. Aos maus momentos chamou Ameal "estáticos"; aos bons momentos chamou "dinâmicos", o que não deixará de ser revelador em relação à sua Filosofia da História<sup>(130)</sup>.

<sup>(127)</sup> *Idem, ibidem*, p. X.

<sup>(128)</sup> João Ameal, *Rumo da juventude*, pp. 85-86.

<sup>(129)</sup> *Idem, ibidem*, p. 81.

<sup>(130)</sup> Vejamos as palavras do autor, a este respeito. "Há assim, na História, períodos de *apatia* e períodos de *agitação*. Se quiserem, poderei chamar os primeiros *estáticos*; aos segundos, *dinâmicos*. Esta divisão não tem carácter absoluto. Mesmo nos períodos estáticos, a vida histórica da humanidade — que é movimento incessante — não pára. Quando muito, deixa de ser tão aparente, tão visível, para se comprimir numa espécie de zona subterrânea, e

A ideia de queda, de colapso, de recaída<sup>(131)</sup>, atribuída à História, não deixa de ser significativa. Mais uma vez se personaliza e anima a História; mais uma vez se poderá intuir que o historiador ao escrever a História, em parte a sua História, coloca nela, segundo Ameal, a sua marca pessoal.

É então o historiador que faz a História, que a arquitecta, que a inventa?

Deve referir-se que a História é, para Ameal, uma ciência, uma arte, uma ética<sup>(132)</sup>. A objectividade poderá estar na "ciência"! E a "arte"? E a "ética"? Poderá haver objectividade nesses campos? Com que motivos, com que lógica o historiador afirma que há "momentos áureos" e "grandes colapsos" na História? Serão eles considerados unánimemente como "bons" ou como "maus"? A objectividade e a imparcialidade serão metas a atingir por Ameal?

Afirma o autor que, "a vida é escolha, definição, batalha — e nunca nos será fácil, nem mesmo lícito, abstrair das nossas posições nessa batalha. Imparcial em absoluto, nunca o é o historiador — tenha-se a coragem e a franqueza de afirma-lo!"<sup>(133)</sup>. Para além das dificuldades várias que o historiador tem ao fazer História (bibliografia; imensidão de documentos; dificuldade de colmatar lacunas e encadear acontecimentos)<sup>(134)</sup>, há que acrescentar as dificuldades que o próprio historiador encarna. "A História deve ser objectiva, proclama-se. Mas o primeiro objecto que o historiador encontra é a sua própria formação, a sua própria personalidade, as

vir depois à superfície, dotada de maior força e de maior impulso. Também nestes períodos dinâmicos, em que tudo parece estremecer e mudar, se preparam de longe certas estratificações históricas que hão-de, mais tarde, constituir novos alicerces para os destinos colectivos" (*Idem, ibidem*, p. 84).

<sup>(131)</sup> Ameal utiliza a palavra "recaída" em relação à História, como Eugénio Montes a utiliza também. Afirma o autor: "tem razão o escritor espanhol Eugénio Montes ao reconhecer o valor do esforço do homem para se conservar à altura da sua missão e ao afirmar depois: 'as recaídas, em História, são sempre possíveis'. É um facto: são sempre possíveis as recaídas em História. E tanto se podem dar na história duma vida, como na dum país, na dum continente, na dum civilização inteira — ainda Eugénio Montes o sublinha. Quantos exemplos conhecemos!" (*Idem, ibidem*, p. 81).

<sup>(132)</sup> Vide João Ameal, *A Europa e os seus fantasmas*, pp. 251-252.

<sup>(133)</sup> *Idem, ibidem*, p. 246.

<sup>(134)</sup> Vide *Idem, ibidem*, pp. 244-245.

suas reacções mentais ou sentimentos perante os vários problemas e circunstâncias da História"<sup>(135)</sup>.

Parece bem claro que a objectividade ou a imparcialidade não são metas primordiais a atingir por Ameal. A objectividade não passa, na sua opinião, de um mito negador da vida. Ávida é escolha, é opção, é valor, é juízo. Pensar a História e escrevê-la como uma coisa fria e morta é negar-lhe a essência; é destruir o seu objecto — a vida humana através da sucessão espacio-temporal. Exigir ao historiador uma imparcialidade que ele não pode possuir, porque é homem, porque está consciente das suas opções, dos seus limites, dos seus ideais, é desvirtuá-lo, descaracterizá-lo<sup>(136)</sup>.

A História é então uma escrita basicamente valorativa? Não há qualquer limite para a visão pessoal do historiador?

"O historiador é um homem, um homem que estuda, pondera, evoca, reflecte, acaba por ver e viver o passado. No momento em que vê e vive, exerce, como é natural, a sua função intelectual de crítico: *julga* as figuras e os acontecimentos. Exprime, depois, o seu *juízo*. Se o faz com honestidade, com escrupulo, decerto quem o ler gostará de encontrar na sua frente um depoimento franco e límpido"<sup>(137)</sup>. Como criticar, diz-nos Ameal, "*historiar é julgar*. Em nome, apenas, de um ponto de vista pessoal? Não. *Em nome dos princípios, superiores* a quem escreve como a tudo sobre que escreve[...]"<sup>(138)</sup>.

Por detrás da História, por detrás da visão transportada pelo historiador deverá estar, para Ameal, *um conjunto de princípios superiores*, uma Filosofia da Vida, do Homem e do Mundo<sup>(139)</sup>.

<sup>(135)</sup> *Idem, ibidem*, p. 245.

<sup>(136)</sup> Estas são as razões que parecem levar Ameal a afirmar, no Prefácio da sua *História de Portugal*, que tomou partido por um conjunto de situações históricas, ao escrever por eles. "Se nos acusarem de em algum momento nos termos pronunciado com certa veemência, responderemos que nos era impossível ficar indiferente à nossa própria História. Responderemos ainda que sempre tomamos partido pelo Portugal forte, grande e livre, contra aquilo ou aqueles que lhe minavam a força, lhe comprometiam a grandeza, lhe diminuían a liberdade." (João Ameal, *História de Portugal*, p. XII).

<sup>(137)</sup> *Idem, ibidem*, p. XII.

<sup>(138)</sup> *Idem, ibidem*, p. XII.

<sup>(139)</sup> Repare-se no que Ameal afirma a este propósito: "Assim tem de ser, na medida em que os acontecimentos históricos, dimanados quase sempre do humano livre-arbítrio, chegam até nós sob formas equívocas, desconcertantes,

Qual a filosofia que poderá estar por detrás da obra de um homem que poderemos, em traços gerais, caracterizar como um defensor de uma *Idade Nova* de raízes tomistas, católicas, nacionalistas, tradicionalistas?

A filosofia que entendeu ser a mais adequada para caracterizar a sua *Idade-Nova*, evidentemente!

Quais os valores que estão por detrás da História e da Filosofia da História de Ameal?

Os valores que o definiram como homem, como lutador, como intelectual, naturalmente!

É tendo por base estes princípios ou valores que se justifica para Ameal, como para Maurras, Jacques Bainville, Pierre Gaxotte ou António Sardinha, por exemplo, uma *revisão necessária da História*. Depois de uma época em que o homem, segundo a opinião de Ameal, se afastou dos verdadeiros princípios tendo por base o materialismo, o agnosticismo, a História, História Vida, deve tentar aproximá-lo das realidades verdadeiras e imortais. Como? Mostrando o que de bom, construtivo, imortal, na História teve lugar. Isto porque, como afirma Ameal, a "História — tal como se conta e se interpreta — faz, por sua vez, História"<sup>(140)</sup>. Ou seja, explica o autor um pouco mais à frente, no mesmo local, "contribuí para formar e temperar os caracteres daqueles que tomarão depois as grandes iniciativas fecundas; é lição e incentivo; escola de vontades; galeria de exemplos; irresistível apelo para ir mais longe e mais alto"<sup>(u)</sup>.

A História terá, afinal, uma função pedagógica! Ela servirá para mostrar o que é positivo, para educar, para orientar numa

susceptíveis das mais diversas interpretações. Para lhe atribuímos uma ordem e lhe descobriremos um sentido teremos de integra-los num conceito global do Homem e do Mundo, e do papel do Homem no Mundo, logo, numa filosofia. [...] Se à História cumpre, efectivamente, narrar o sucedido, só o pode fazer graças a uma explicação; e essa explicação terá de subir dos efeitos às causas, da variedade à unidade, do tropel informe à ordenação arquitectural; terá de ser, pois, filosófica. Embora se conheça e respeite o trabalho dos investigadores e eruditos, na pesquisa das fontes, no apuro do autêntico e do inautêntico, na colheita dos materiais indispensáveis, há que sobrepor-lhe a acção reveladora e complementar da Filosofia da História." (*Idem, ibidem*, p. XII.)

<sup>(140)</sup> João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, p. 258.

<sup>(141)</sup> *Idem, ibidem*, p. 259.

determinada direcção<sup>(142)</sup>. Devem mostrar-se os bons momentos, os que permitiram a construção do edifício presente; devem esquecer-se as manchas negras, as figuras que marcaram o atraso, o retrocesso. Devem, no fundo, valorizar-se as figuras e os acontecimentos "dinâmicos" e evitar-se, esquecer-se ou desvalorizar-se a figura ou o momento "estático", em termos históricos. A História poderá assim ser um pilar importante na luta contra uma época negativa e na construção de uma Idade-Nova, uma Idade do Regresso a valores e realidades fundamentais. A História é, afinal, uma "escola de vontades", uma "galeria de exemplos", uma "lição" ou um "incentivo". Se se procurarem os bons exemplos encontrar-se-ão os modelos a seguir na Idade que se quer construir<sup>(143)</sup>. "O estudo atento da História ensina a orientação mais útil e mais justa"<sup>(144)</sup>.

Afirma Ameal que, face aos problemas existentes e visando a construção de uma nova realidade, "é preciso erguer, das ruínas, as Pátrias remoçadas e insuflar-lhes alentos de força e de heroísmo. A História vale como *tónus de consciência colectiva* pelos seus *poderes de incitamento* magnífico. A sua galeria de modelos forma um grande reservatório de energias onde as raças encontram a lendária *água de Juventa*. Não é possível, escreveu Eugênio Marsan, construir um

(142) Nas suas *Erratas à História de Portugal*, Ameal, ao tentar fazer a reparação de vários erros históricos, afirma estar a "meter ombros a uma tarefa de flagrante sentido moral, intelectual e nacional, já que, na frase de Sardinha, justamente 'a melhor maneira de servir o seu país é ama-lo e defende-lo na integridade da sua História'" (João Ameal e Rodrigues Cavalheiro, *Erratas à História de Portugal...*, "Algumas palavras", s.p.). Acrescenta ainda, o que não pode deixar de ser significativo, querer, desta forma, "ajudar o público a descortinar claramente a verdade, que por tanto tempo lhe ocultaram a má-fé ou a desnacionalização de tantos falsos historiadores dos últimos cem anos." (*Idem, ibidem*, "Algumas palavras", s.p.).

(143) Através desta lógica se poderá compreender a razão por que Ameal apoia não apenas a existência de censura na Imprensa, pelo menos quando a refere como realidade na Itália Fascista (João Ameal, *A Revolução da Ordem*, pp. 70-72) bem como o controle da escrita histórica. Referindo-se novamente ao Estado Fascista Italiano, glorifica o "interesse particularíssimo com que se vigiam os textos históricos, não se tolerando que certos homens sem escrúpulos se entrettenham a desfigurar, caluniando-as as grandes figuras e as grandes jornadas da tradição nacional." (*Idem, ibidem*, p. 73).

(144) João Ameal, *Defendemos os valores espirituais no governo e na vida*, p. 10.

futuro sem adoptar e celebrar um passado. O futuro será fatalmente aquilo que o passado aconselhar e inspirar"<sup>(145)</sup>. Para encontrar uma Idade Nova é necessário reatar um fio perdido, é preciso conhecer a História, é preciso encontrar na História os modelos para a Nova Idade: "Regressar é progredir"<sup>(146)</sup>, segundo Ameal.

É preciso, então, que a História se faça tendo o historiador consciência da missão que se está a cumprir. O historiador, para Ameal, terá que ser, antes de mais, uma pessoa "bem formada", consciente dos verdadeiros valores, capaz de arcar com a responsabilidade de preparar o futuro, de ser, de certa forma, o mentor da Idade-Nova. Terá ele que escolher os bons exemplos, os verdadeiros heróis, as épocas que devem servir de alicerces ao mundo. Deverá ser capaz de ultrapassar os "erros históricos" que o passado transmitiu. Terá que ultrapassar as "tremendas invenções"<sup>(147)</sup>, as "mais monstruosas ficções"<sup>(148)</sup> que o séc. XIX transmitiu. Ao longo de muito tempo a História deixou de "ser o que devia: escola da Glória, do Exemplo, da Experiência justa"<sup>(149)</sup> e foi apenas uma "Escola de Dúvida"<sup>(150)</sup>. O verdadeiro historiador, orientado por princípios justos deverá pôr por terra todos esses mitos históricos<sup>(151)</sup> e fazer com que a História seja uma Escola de Verdade ou de reposição da Verdade<sup>(152)</sup>.

<sup>(145)</sup> *Idem, ibidem*, p. 74.

<sup>(146)</sup> João Ameal, *A Contra-Revolução*, p. 27.

<sup>(147)</sup> *Idem, ibidem*, p. 3.

<sup>(148)</sup> *Idem, ibidem*, p. 3.

<sup>(149)</sup> *Idem, ibidem*, p. 4.

<sup>(150)</sup> *Idem, ibidem*, p. 4.

<sup>(151)</sup> Ameal afirma, por exemplo, que em Portugal, no séc. XIX, os liberais falsificaram a História. "Fez-se História com tudo: panfletos, calúnias, insídias maçónicas, falsificações, utopias subversivas, efeitos demagógicos de baixa retórica. No fim resultou de tudo isto uma visão inteiramente errada do passado nacional, convertido numa apologia tendenciosa dos estrangeirados reformadores de 1820, de 1822, de 1826, de 1834" (João Ameal e Rodrigues Cavalheiro, *Erratas à História de Portugal...*, "Algumas palavras", 1939, s.p.).

<sup>(152)</sup> O Revisionismo Histórico é, pois, um imperativo, para Ameal. António Sardinha, "pai" do revisionismo português, é visto de forma bastante positiva. As palavras que se seguem, da autoria de Ameal, dizem-lhe respeito. "Numerosas são as figuras que limpam de mil sombras ou calúnias, para lhes restituir o verídico e puro esplendor. Numerosos também os ídolos postiços, levantados na praça pública, que despe de mentirosos adornos, amarra ao pelourinho, onde, desde então, ficam — atira (como na famosa apóstrofe do

Mas que verdade? Com que lógica se pode falar de verdade em relação a uma História que, assumidamente, se diz parcial, limitadamente objectiva, pessoalista?

Apesar de estar consciente da parcialidade da sua História, Ameal acreditava que a verdade histórica se poderia atingir. Ao agnosticismo perante a Verdade Histórica deve, segundo o autor, "opor-se uma confiança desassombrada no poder da razão para, embora com paciência, cuidado e humildade, reconstituir-se, pouco a pouco, sobre os documentos, mas ultrapassando-os quando for necessário, o passado. Lógica e História andam estreitamente unidas — lembremos a asserção reconfortante de Gott! E a lógica, assente em princípios firmes e numa clara adesão ao real, oferece-nos meios bastantes para nos conduzir, em muitos casos à verdade"<sup>(153)</sup>. O essencial seria a procura lógica, a busca de "princípios firmes" e a "adesão ao real".

A História que Ameal nos transmitiu é, como seria de esperar, a materialização do que ele pensava desse saber, dos seus deveres, das suas exigências. Nela vamos encontrar um rol de acontecimentos que povoaram uma época, lá encontraremos as grandes figuras que a marcaram, lá estarão também os que denegriram esse período. A História vai ser feita com a vida e o entusiasmo que o autor considerava essenciais para a sua redacção. A História vai ser-nos apresentada como a prova de que certos momentos podem ser retomados e outros devem ser esquecidos ou, quando muito, recordados como o mau exemplo que provocou a desgraça de uma região, de um povo ou de uma época. As personagens e os momentos históricos vão ser vividos e julgados à luz do que o autor considera ser a *História Vida*, mas também a *História Experiência*<sup>(154)</sup>. Ou seja, na História escrita por Ameal vamos encontrar a vida e vamos "vive-la outra vez em cada página"<sup>(155)</sup>,

tribuno) 'para as galés da História'. Simultaneamente, ou na esteira de Sardinha, muitos investigadores de mérito dedicaram-se à esplendida tarefa de restauração da verdade histórica." (João Ameal, *Europa e os seus fantasmas*, p. 242).

<sup>(153)</sup> *Idem, ibidem*, pp. 255-256.

<sup>(154)</sup> Expressão utilizada pelo autor na obra *Um apóstolo na tormenta* — D. Frei Fortunato de São Boaventura, Lisboa, 1945, p. 49.

<sup>(155)</sup> *Idem, ibidem*, p. 48.

mas vamos verificar também que lá encontraremos os factos e as personagens "não so tais quais se apresentaram aos contemporâneos mas segundo o que trouxeram aos que vieram depois"<sup>(156)</sup>. Vamos enfrentar, por isso e como já era de esperar, a visão pessoal de Ameal em tudo aquilo que nos apresenta.

Mais do que História aparece-nos, sob a pena deste autor, um conjunto de histórias, cheias da vida e do dinamismo que os seus heróis lhe impõem. Pode afirmar-se que, Ameal transportou para a História que fez os valores que o caracterizaram como pensador e ideólogo e procurou, na sua História, a justificação para a defesa desses mesmos valores. Nessa História encontramos, por exemplo, a Nação e os seus princípios como realidades unificadoras e impulsionadoras de vários períodos históricos; por outro lado, os momentos em que, por exemplo Portugal, esqueceu esses valores, se resignou ou foi absorvido por valores estranhos, foram considerados pelo autor como momentos negros. Assim, foi-nos apresentado o período liberal português como maléficamente influenciado pelo estrangeiro e os seus chefes como seres desnacionalizados. Também a catolicidade, dado estrutural em Ameal, nos aparece na sua História como a substância da verdadeira pessoa, como uma das razões da existência do Portugal moldado pela Reconquista Cristã, bem como da sua grandiosidade. Teria sido o espírito de missão uma das razões por que Portugal se expandiu e fez grande, segundo Ameal; foram os heróis cristãos como Nuno Álvares Pereira que, na opinião do autor, melhor defenderam os nossos interesses e maiores honrarias deram a Portugal; foram os descristianizados ou ateus como Pombal ou D. Pedro IV que, segundo Ameal, mergulharam o país em ruínas. Quantos exemplos não poderíamos juntar aos que aqui se apresentaram?

Assumindo, na sua História os valores que defendia para a sua vida Ameal aparece-nos como um historiador que se diz de boa fé mas um historiador parcial. Numa época em que as tentativas de cientificidade da História eram uma realidade, numa época em que a História poderia visar ser *nouvelle*, o autor em estudo apresentava-se como um dos que fazia a História não como historiador frio e distante, mas como homem, como portador de ideias, de emoções, de juízos. A parcialidade que sabia existir era,

<sup>(156)</sup> *Idem, ibidem*, p. 49.

no entanto, um pormenor que não implicaria, segundo ele, a falsificação da História, já que a História era vida e era escolha. Mais que isso, os valores que o orientavam na escrita da História eram os que considerava como verdadeiros. E, não nos disse Ameal que a verdade é só uma? Não se deveria espalhar essa verdade e corrigir as inverdades ou mentiras que pudessem andar a circular?

Ameal mais que historiador foi, sem dúvida, um ideólogo, um ideólogo que fez História. A sua vida, a sua doutrina, a sua História são um todo homogêneo. Não se pode perceber o homem sem conhecer o pensador; não se pode compreender a sua História sem ter em conta os valores que orientaram a sua doutrinação e vida pública. Não se pode, no entanto, conhecer o pensador, o historiador, o homem público sem conhecer a época que o gerou. Há, pois, coerência entre as ideias defendidas por Ameal e a sua forma de escrever História ou histórias sobre personagens e acontecimentos passados.